

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de História

Bruno Ulanoski dos Passos

**A representação de Palmares a partir da História em Quadrinhos Angola Janga e suas  
contribuições para o ensino de História**

**Florianópolis, SC**

2022

Bruno Ulanoski dos Passos

**A representação de Palmares a partir da História em Quadrinhos Angola Janga e suas contribuições para o ensino de História**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel/Licenciado em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lara Rodrigues Pereira.

**Florianópolis, SC**

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Passos, Bruno Ulanoski dos  
A representação de Palmares a partir da História em  
Quadrinhos: Angola Janga e suas contribuições para o ensino  
de História / Bruno Ulanoski dos Passos ; orientador, Lara  
Rodrigues Pereira, 2022.  
68 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,  
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. História. 2. História. 3. História em Quadrinhos. 4.  
Angola Janga. 5. Palmares. I. Pereira, Lara Rodrigues. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
História. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ATA DE DEFESA DE TCC**

Aos três dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e dois, às nove horas, por videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora Lara Rodrigues Pereira, Orientadora e Presidente, pela Professora Clarícia Otto, Titular da Banca, e pelo(a) Professora Joana Vieira Borges (ausente) Suplente, designadas pela Portaria nº 04/2022/HST/CFH da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Bruno Ulanoski dos Passos**, subordinado ao título: **“A representação de Palmares a partir da História em Quadrinhos Angola Janga e suas contribuições para o ensino de História”**. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Lara Rodrigues Pereira, a nota final 10, da Professora Clarícia Otto, a nota final 10, sendo aprovado com a nota final 10. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia dez de março de dois mil e vinte e dois. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 03 de março de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.a Lara Rodrigues Pereira



Documento assinado digitalmente

LARA RODRIGUES PEREIRA  
Data: 03/03/2022 10:35:05-0300  
CPF: 033.549.159-60

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.a Clarícia Otto



Documento assinado digitalmente

Clarícia Otto  
Data: 03/03/2022 11:05:55-0300  
CPF: 675.242.229-04

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.a Joana Vieira Borges

Candidato Bruno Ulanoski dos Passos



Documento assinado digitalmente

BRUNO ULANSKI DOS PASSOS  
Data: 03/03/2022 13:38:04-0300  
CPF: 094.736.879-58

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Bruno Ulanoski dos Passos, matrícula n.º 15101712, entregou a versão final de seu TCC cujo título é A representação de Palmares a partir da História em Quadrinhos Angola Janga e suas contribuições para o ensino de História, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 07 de Março de 2022.



Documento assinado digitalmente  
LARA RODRIGUES PEREIRA  
Data: 08/03/2022 14:39:25-0300  
CPF: 033.549.159-60  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Orientador(a)

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível realizar com a ajuda das mais diversas pessoas que me cercaram durante todos esses anos vividos dentro e fora da universidade federal de Santa Catarina, onde todos os debates, conversas, análises e troca de informações culminaram na minha formação.

Agradeço o apoio prestado a mim, mesmo antes de ingressar na faculdade por parte de minha mãe, Joceli Ulanoski, que sempre prezou por me cativar nos estudos, nos livros, na convivência e na formação de valores e caráter que hoje carrego comigo, pois derivam de todos os ensinamentos que ela me passou e que mesmo em seus momentos mais difíceis, não abandonou minha mão. Assim também estava sempre me apoiando a minha querida irmã, Bruna Leticia Ulanoski, da qual presenciei muitos momentos de estudos e muitas das complicações que a vida tem. Agradeço ainda ao meu padrasto, Carlos Alberto Amorim, por todo auxílio prestado à mim e à nossa família, da qual só podemos crescer pela esperteza e perspicácia que instigou a todos nós. Obrigado família! Sem o apoio de vocês esse caminho não seria trilhado! 0

Cabe ainda agradecer aos meus melhores amigos que me abrigaram e acolheram nos mais diferentes sentidos durante toda a jornada que foi a graduação, meu mais sinceros agradecimentos Pedro Toniazco Terres e Bernardo Schmitt por sempre me apoiar, entender os meus horários e nunca me abandonar! Kamilah Carriço e Bruno Vormer, vocês também foram fundamentais para o meu crescimento pessoal dentro e fora da universidade, sou eternamente grato!

Aos professores, servidores e funcionários da UFSC, que fizeram e fazem essa universidade acontecer todos os dias, meus mais sinceros sentimentos de gratidão, a UFSC só é gigante por conta de vocês! Um abraço especial à minha orientadora, professora Lara Rodrigues Perreira, da qual compreendeu minha situação e auxiliou a construção desse trabalho com a maior paciência possível.

E por último e mais importante, aquela que é minha inspiração diária, Denise Nascimento, és minha companheira para todos os momentos. Lhe agradeço por sempre estar ao meu lado, seja nos dias de chuva e sol, nos dias de luta e nos dias de glória, só posso te agradecer por compartilhar mais esse momento comigo!

## RESUMO

Este trabalho busca compreender a luta de Palmares pela visão dos quadrinhos, através da novela gráfica “Angola Janga”, de Marcelo D’Saete. A obra possui um enredo de enfoque na luta pela liberdade e evocação do cotidiano palmarino, com elementos historiográficos apresentados nas epígrafes de cada capítulo para contextualização prévia do leitor com o contexto histórico a ser aprofundado, juntamente com a pesquisa realizada para a construção da narrativa e para elaboração dos desenhos que compõem a obra por completo. Trabalhamos a elaboração de estudos sobre a utilização do meio das Histórias em Quadrinhos para se compreender a replicação de uma narrativa na qual os povos negros conquistaram a liberdade e a defenderam de quem adentrasse em Palmares.

Apresentamos portanto a ligação entre a historiografia e as Histórias em Quadrinhos, e como ambas trazem uma linha de confronto do que foi o maior embate do período colonial a ponto de elaborar métodos contra revolucionários, juntamente com elementos e políticas escravistas que foram construídas e desenvolvidas durante os Séculos XVI a XVIII. Assim os quadrinhos apresentam novas possibilidades de construções narrativas e de compreensão e formação da consciência histórica acerca da vivência, cotidiano e a luta pela liberdade dos povos escravizados.

A aprendizagem está intrínseca na leitura dos quadrinhos, onde a dupla linguagem age de forma que auxilia nos primeiros passos da compreensão, desenvolvendo a leitura imagética e verbal. Com a inserção do conteúdo voltado para a disciplina de História, Angola Janga se destaca, pois se utiliza de fontes primárias nas epígrafes de seus capítulos, contextualizando o leitor, e abrindo debate para explorar o desenvolvimento da consciência histórica em sala de aula.

**Palavras-chave:** Angola Janga; Palmares; Historiografia; História em Quadrinhos.

## ABSTRACT

The present work aims to comprehend Palmares' struggle through the language of comic books, using the work *Angola Janga*, by Marcelo D'Saete. It has a plot heavily focused on the fight for freedom and evocation of Palmares' daily life, with historiographic elements presented on each chapter's epigraphs for the previous contextualization, by the reader, of the historical context to be deepened, along with the research made for the construction of the narrative and of the drawings that wholly composes it. We work on the elaboration of studies on the use of the comic strips medium to understand the replication of a narrative on which black people conquered freedom and defended it from those who entered Palmares.

Therefore, we present the link between historiography and the comics, and how both bring a confrontation line about what became the greatest struggle of the colonial period to the point of elaborating counter-revolutionary methods, along with slavery elements and policies that were built and developed during the 16th to the 18th centuries. Thus, the graphic novel presents new possibilities for narrative compositions and for the understanding and construction of historical awareness about the experience, daily life and the fight for freedom of enslaved people.

Learning is intrinsic in the reading of comics, where the double language acts in a way that helps in the first steps of understanding, developing imagery and verbal reading. With the insertion of disciplinary historical content, *Angola Janga* stands out as it uses primary sources in the epigraphs of its chapters, contextualizing the reader and opening debate to explore the development of historical awareness in the classroom.

**Keywords:** *Angola Janga*; Palmares; Historiography; Comics.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Primeira capa do Yellow Kid.....	14
Figura 02: Reforma da Moral.....	16
Figura 03: Capa Maus.....	20
Figura 04: Capa Do Inferno.....	21
Figura 05: Capa Angola Janga.....	22
Figura 06: Capa Adeus Chamigo Brasileiro.....	27
Figuras 07 e 08: Representação de um <i>Tumbeiro</i> .....	31
Figura 9: Representação da Casa Grande da Dona Catarina.....	32
Figura 10: Representação do cotidiano palmarista.....	33
Figura 11: Representação do Mocambo de Cucaú em 1680.....	36
Figura 12: Primeiro quadro do Capítulo <i>Nascimento</i> .....	39
Figura 13: Primeiro sequência de fala do Capítulo <i>Nascimento</i> .....	40
Figura 14: Floresta Abundante.....	42
Figura 15: Símbolo Adinkra da sabedoria e esperteza.....	42
Figura 16: Estatueta de Chibinda Ilunga.....	43

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SUA FUNÇÃO EDUCATIVA</b>	<b>15</b>
2.1 HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	16
2.2 CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	19
2.3 A NARRATIVA HISTÓRICA E FICCIONAL	21
2.4 A NARRATIVA VISUAL E ESCRITA	30
<b>ANGOLA JANGA NO ENSINO DE HISTÓRIA</b>	<b>33</b>
3.1 DEBATE HISTORIOGRÁFICO E DOCUMENTAL	38
3.2 A UTILIZAÇÃO DAS FONTES HISTÓRICAS E A REPRESENTAÇÃO DO PROTAGONISMO PALMARISTA EM ANGOLA JANGA	40
3.3 CONSCIÊNCIA HISTÓRICA, O ENSINO E A DIDÁTICA A PARTIR DE ANGOLA JANGA	46
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>51</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>53</b>
<b>TABELAS</b>	<b>56</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>58</b>

# 1. INTRODUÇÃO

Desenvolvo esse trabalho baseado em análises a respeito do agrupamento presente na Serra da Barriga, em Pernambuco, intitulado Palmares. Lá houve um foco de resistência e oposição ao regime escravocrata, entre os anos de 1596 a 1716, evento representado no livro *Angola Janga*, escrito por Marcelo D'Saete, quadrinista e mestre em História da Arte pela Universidade de São Paulo. D'Saete estreou no mundo dos quadrinhos em 2001, contudo sua primeira História em Quadrinhos (HQ) foi publicada apenas em 2008, com o título "Noite luz", já a segunda, publicada em 2011, com o título "Encruzilhada", ambas abordando temas da sociedade contemporânea. Sua terceira obra, com o título "Cumbé", foi publicada em 2014 e "Angola Janga", em 2017, ambas abordaram o tema da escravidão pela ótica dos povos negros, enfatizando a busca pela liberdade e repressões sofridas no período Colonial. Com *Cumbé* ganhou o prêmio internacional Eisner Awards em 2018, e com *Angola Janga* foi ganhador dos prêmios Jabuti Quadrinhos de 2018, Grampo de Ouro 2018 e troféu HQMIX 2018, entre outros. Teve reconhecimento nacional e internacional, promovendo exposições em Portugal, Angola, Moçambique e Brasil, tendo suas obras *Cumbé* e *Angola Janga* publicadas em mais de 14 edições diferentes<sup>1</sup>.

*Angola Janga* conta, e por esse viés a analisarei, uma história de Palmares baseada em representações sobre o olhar dos palmaristas. Como o próprio autor aponta, já existem muitas abordagens, nos mais diferentes suportes, sobre a construção de Palmares e a figura de Zumbi. No suporte dos quadrinhos, o próprio autor menciona obras anteriores como *Zumbi dos Palmares* de Clóvis Moura e Álvaro de Moya (1955), *Zumbi — a saga de Palmares* de Antônio Trisnas e Aluan Alex (2003) e *A guerra de Palmares* de Carlos Ferreira e Moacir Martins, mas a medida em que o tempo vai passando novas representações vão sendo construídas sobre Palmares

Na construção de seu livro, D'Saete apresenta as fontes com as quais teve contato para a elaboração da narrativa gráfica e histórica. Trabalharei, então, com a intercessão dos elementos historiográficos, imagéticos e de condução da narrativa por meio de uma ótica paradidática. Elaborando assim uma simbiose entre estes elementos que tornam *Angola*

---

<sup>1</sup> <https://www.dsaete.art.br/bio.html>

*Janga* uma importante representação sobre Palmares, considerando a busca por documentos históricos, operada pelo autor, associada a arte gráfica com uma identidade própria.

Ao ter contato com *Angola Janga* logo me veio a correlação com o desenvolvimento do tema dentro da sala de aula, com a obra que transcende o elemento de entretenimento, e que, por conta de todos os estudos feitos para sua confecção, torna-se condizente para utilização didática para o ensino de crianças, jovens e adultos, apresentando as HQs como um meio para o desenvolvimento do Ensino de História e formação da Consciência Histórica. A aproximação dos desenhos com as fontes, torna a narrativa cativante e a interdisciplinaridade demonstra como a obra aborda os mais diversos temas, com delicadeza e seriedade ao mesmo tempo.

Desde que foi instituída a lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003<sup>2</sup>, alterando a LDB, tornando obrigatória a presença do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos currículos da educação básica, as representações sobre Palmares vem ganhando destaque, sobretudo enfocando sua organização social fundamentada na resistência e liderança de Zumbi, posteriormente a lei 10.639/2003 foi modificada para a lei 11.645<sup>3</sup> de 2008, que inclui a cultura indígena na obrigatoriedade do currículo escolar. A morte de Zumbi ocorreu em 20 de novembro de 1695, data essa em que foi instituído o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, oficialmente pela Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011<sup>4</sup>. A data celebraria, então, a vida, a luta dos palmaristas, e de Zumbi pela liberdade. D'Saete apresenta no livro um diálogo sobre as cicatrizes de Zumbi, no qual explica que as marcas que ele tinha não advinham de castigos, mas sim dos combates na mata, na luta pela liberdade. Assim *Angola Janga* apresenta uma memória sobre a luta de palmaristas pela liberdade conectando-a ao atual contexto, em que diversas discussões sobre racismo afloram na sociedade brasileira, manchada com o sangue de milhares de escravizados, resultando em grande dívida histórica com a população afro-brasileira.

Como referencial teórico busco subsídio em autores que trabalham com as histórias em quadrinhos pelos mais diferentes ângulos como Rogério Campos, que faz um compilado sobre o nascimento das Hqs no livro *Imageria*, lançado em 2015. A professora Marcia Tavares Chico apresenta uma estrutura de metodologia para análise das Hqs. Utilizo Will

---

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)

<sup>3</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm)

<sup>4</sup> Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/112519.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112519.htm)

Eisner e Raquel Quinet Pifano para compreender e analisar a história das imagens. Adentrando na ligação dos quadrinhos com a educação busquei fundamentos nos trabalhos dos professores Paulo Ramos e Waldomiro Vergueiro. Com enfoque nos quadrinhos junto da disciplina de História utilizo estudos do professor Luciano Thomé, de Marcelo Fronza e Túlio Vilela. No processo historiográfico e de consciência histórica opero com os estudos de Eric Hobsbawn, Jörn Rüsen e Luis Fernando Cerri. Busco amparo nas mesmas fontes que D'Saete pesquisou para elaborar *Angola Janga*, como a obra de Edson Carneiro, *O quilombo de Palmares* (1958); o livro *Domingos Jorge Velho e a "Tróia Negra", 1637-1700* de Ernesto Ennes publicado em 1938; a obra *Palmares: A guerra dos escravos*, de Décio Freitas, publicada em 1982; a obra *Três Vezes Zumbi: A construção de um herói brasileiro* dos historiadores Ricardo Alexandre Ferreira e Jean Marcel Carvalho França lançado em 2012 e o livro de Rocha Pitta *História da América Portuguesa*, publicado em 1952.

Para construir a metodologia de pesquisa, utilizei a estrutura da professora Márcia Tavares Chico, presente no artigo “Uma proposta de metodologia para a análise de histórias em quadrinhos”, que propõe três etapas que procurarei seguir na construção da metodologia de minha pesquisa. A primeira é a análise estrutural da HQ, a segunda a análise contextual, e a terceira é a análise qualitativa.

Na análise estrutural, se considera os aspectos visuais e estéticos da obra. A definição de histórias em quadrinhos mais aceita é a de Will Eisner, que se caracteriza como *arte sequencial*. Tendo então a união entre imagem e texto, as características artísticas como perspectiva, simetria e pincelada se entrelaçam com as características da literatura como gramática, enredo e sintaxe. Assim a análise estrutural perpassa por esses dois segmentos de linguagens, trabalhando, como por exemplo, com os balões de fala tanto do ponto de vista artístico quanto literário, além de diversos outros elementos adjacentes (CHICO, 2020, p.123). Seguindo como exemplo a tabela de elementos estruturais da Marcia Tavares Chico, elaboro a “Tabela 1- Elementos Estruturais”, rearranjando os elementos com especificidades de *Angola Janga*, construindo uma melhor análise estrutural da obra.

Os quadrinhos são artefatos culturais e históricos frutos do seu tempo, refletindo valores e ideias presentes na sociedade da época. Para se fazer uma análise contextual se divide em dois aspectos, o contexto interno da obra e o contexto externo que engloba a obra. O contexto interno é o momento que a obra representa, seja com elementos do passado, presente ou futuro, tendo base ou não realista e histórica. Autores se utilizam da licença

poética para elaborarem o roteiro e a trama e “o que está sendo representado pode, por exemplo, ser um evento histórico que realmente aconteceu e que é exposto de forma biográfica; um momento inventado do passado, que não tem base histórica.” (CHICO, 2020, p.124).

Já a análise qualitativa é a etapa onde se une os elementos construídos na análise estrutural e contextual, gerando uma interpretação sobre o que foi averiguado. Sendo esse uma análise mais específica de cada obra, onde abarca os elementos que a constroem desde a utilização de um balão de fala diferenciado, a tipografia utilizada, os enquadramentos, se as falas condizem com as vestimentas e outros elementos que são possíveis de serem encontrados durante as análises dos quadrinhos (CHICO, 2020, p.124).

Construo esse trabalho em dois capítulos, o primeiro firmado no desenvolvimento histórico dos quadrinhos, buscando na origem e com a convenção de que *Yellow Kid* seria a primeira HQ. Apresento também o termo *bänkelsängers*, designado para cantores que apresentavam gravuras para um público leigo. Introduzo então, em minha análise, os quadrinhos no Brasil, com a presença de Ângelo Agostini (1843-1910), que satirizava a monarquia e a política escravista vigente na época, apoiando a causa republicana e a política abolicionista. Com enfoque na narrativa histórica desenvolvida com uma mescla com a ficcionalidade, apresento obras que apresentam o conceito de romance gráfico histórico, como *Maus*, de Art Spiegelman, *Do Inferno* de Alan Moore e ilustrada por Eddie Campbell, e *Adeus Chamigo Brasileiro*, de André Toral além de *Angola Janga* de Marcelo D'Salete. Todas essas obras apresentando fontes históricas com a funcionalidade de contextualização e compreensão da época empregada na narrativa. Finalizo com a estrutura da narrativa gráfica histórica dividida entre o textual e o visual, que apresenta o código de ética dos quadrinhos, onde os elementos teriam classificação para consumo sem prejudicar social e psicologicamente o público infanto-juvenil.

No segundo capítulo apresento como D'Salete elaborou a narrativa gráfica juntamente de elementos históricos presentes em diversos momentos da obra. Desde a representação dos *tumbeiros*, que seriam os navios que transportavam os escravizados africanos, com uma análise quantitativa sobre esse processo que fundamentou a economia colonial. Apresento quadros específicos que sobre o cotidiano colonial, tanto no convívio palmarista quanto na vivência dos portugueses. Elaboro então o debate sobre a documentação empregada em *Angola Janga*, junto da construção imagética formada por D'Salete, que baseou-se em Joel

Rufino dos Santos, autor do livro *Zumbi* (1985). Pode-se compreender pelo capítulo dois, intitulado *Nascimento*, como Angola Janga acompanha a construção historiográfica sobre a formação do herói nacional. Por fim, destaco o uso que D'Saete faz, como fonte histórica, dos elementos da linguagem Sona, desenvolvida por meio da narrativa oral e visual, apresentada como elemento recorrente da obra.

## 2.HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SUA FUNÇÃO EDUCATIVA

Os quadrinhos são frutos do desenvolvimento dos meios de comunicação e da sociedade. Atuam como um segmento da literatura, auxiliando e estimulando a leitura visual e textual, concomitantemente. Assim, esse meio alternativo de comunicação, torna-se uma estratégia auxiliar para o desenvolvimento de abordagens educacionais, nas mais diversas áreas do ensino, como na Língua Portuguesa, Artes, Geografia, tratando com um enfoque especial a área da História.

As Histórias em Quadrinhos se apresentam cada vez mais com naturalidade no meio social, seja em coletâneas infantis, nas tirinhas de jornais contendo sátiras para criticar os governos, as que apresentam as aventuras dos heróis e na própria literatura da área, que engloba todos os gêneros possíveis. Apresentando assim a interdisciplinaridade como um meio presente no cotidiano dessas obras, principalmente em tirinhas como Mafalda, Calvin e Haroldo, e Garfield, marcando toda uma geração nas provas de português e inserindo a cultura da leitura visual. Os quadrinhos se apresentam como uma dupla linguagem que desenvolve tanto a compreensão da leitura textual, quanto da leitura visual, facilitando a interpretação dos mais diversos elementos visuais embutidos no convívio social.

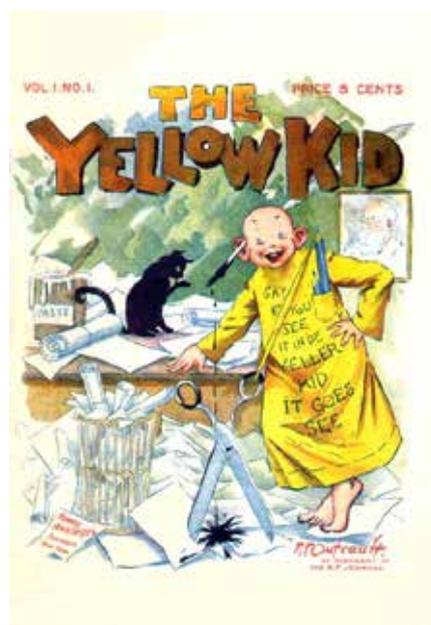
Ao utilizar os quadrinhos em sala de aula, o professor(a) quebra a dinâmica tradicional com os alunos, alterando o andamento para um novo patamar, inspirando a compreensão e necessidade de atenção, pois as crianças precisam de mais concentração para decifrar e compreender o que as imagens estão transmitindo. A conexão entre o visual e o textual, oriunda da subjetividade do estudante, a partir da estrutura narrativa, abre possibilidade para a compreensão dos fatos, e o diálogo com os demais estudantes, firma o entendimento e adensamento do conhecimento apresentado.

Assim, busco neste capítulo elaborar uma breve historiografia sobre os HQs. Como se desenvolveu a construção do mercado dos quadrinhos no Brasil? Como se estruturam os quadrinhos de cunho historiográfico entre as narrativas históricas e as ficcionais? Como essas se apresentam nas narrativas visuais e escritas?

## 2.1 HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

As Histórias em Quadrinhos não têm uma origem certa, o que há é a convenção, entre especialistas, de que o personagem Yellow Kid, criado por Outcault, no ano de 1896, seria o primeiro quadrinho. Isso pois apresenta as características que o validam na definição de arte sequencial em quadrinhos. Essas definições seriam formadas por três pilares, o primeiro na sequência de imagens, o segundo nos balões de fala e, por último, em um personagem recorrente, assim legitimando a *comic* Yellow Kid (CAMPOS, 2015, p. 17) como a primeira HQ.

Figura 01: Primeira capa do Yellow Kid



Fonte: <https://archive.org/details/YellowKid1897V1N1>

Ocorre, então, o seguinte debate: se as HQ não tivessem balões não haveria narrativa envolvida? O embasamento imagético não seria o suficiente na contação de histórias? A presença de um personagem central na história também seria de suma importância, ou a alteração de protagonismo se apresenta como possível em uma narrativa? E se ao invés de uma arte sequencial com vários quadros, fosse somente um quadro como as obras como o *emakimono*. *Emakimono* são imagens onde rolos com histórias populares, batalhas e eventos

históricos japoneses, criados a partir do século XII, mas, que pelas convenções, também não se encaixam como *comics* ou quadrinhos. O que acontece então é a marginalidade criada pelas convenções, que deixam obras com narrativas específicas fora do gênero dos quadrinhos, mas que se utilizam das mesmas linguagens, a imagética e verbal para conduzir sua própria história.

As Histórias em Quadrinhos teriam qual intuito afinal? transmitir uma narrativa que alcance o imaginário? Que estabeleça um terreno imagético que conduza junto com a narrativa escrita? Os elementos visuais aproximam o leitor da narrativa? Para responder a essas perguntas recorro a Will Eisner, o autor que desenvolveu o conceito de Narrativas Gráficas como “Uma descrição genérica de qualquer narração que usa imagens para transmitir ideias. Os filmes e as histórias em quadrinhos se encaixam na categoria das narrativas gráficas” (EISNER, 2015, p.06). Ao fazer o exercício de leitura de uma imagem, deve-se prestar atenção em elementos que a formam. Segundo Erwin Panofsky ao debater a compreensão da iconografia e iconologia gera-se três níveis de significado ou temas ao leitor. O Tema Primário ou Natural da imagem, seguido pelo Tema Secundário ou convencional e por terceiro, o nível de interpretação da imagem. A separação entre iconografia e iconologia é o modo de abordagem da imagem, onde “a ‘leitura’ iconográfica da obra é uma análise, já a ‘leitura’ iconológica é uma interpretação” (PIFANO, 2010 p. 05-06).

A escrita é também um meio gráfico de transmissão de conhecimento, muito mais disseminado nos quadrinhos, com o recurso do balão de fala. Assim compreende-se que tal personagem está falando, e o leitor consegue acompanhar a ordem de leitura pela hierarquia visual de cada página. Paulo Ramos analisa as mais diferentes formas de balão, onde a escrita segue intacta, muitas vezes em itálico ou negrito, mas a expressão gráfica utilizada varia como um balão de pensamento, cochicho, grito, trêmulo, vibrado, unísono, intercalados, mudo, duplo, composto, sonho, balão de apêndice cortado, balão zero e muitos outros balões podem ser encontrados, pois não há uma normalização e cada artista pode criar novos tipos de balões (Ramos, 2020. p.36-41). D’Saleté utiliza em Angola Janga balões de narrativa espaço-tempo, para dar um contexto espacial ao leitor, junto da fonte histórica para o contexto social. Utiliza de balões de falas tradicionais e raramente balões de narrador, uma peculiaridade é a forma dos quadros em negritos, que identificam lembranças dos passados dialogando com o presente da narrativa, e há ainda o negrito nas palavras para os termos de

época, mas que também seriam utilizados para palavras em destaque, dando ênfase a gritos e gírias.

O casamento entre a narrativa gráfica e a visual só é possível pela continuidade de leitura proposta ao leitor, que segue o caminho que o quadrinista criou para acompanhar a história. No caso da leitura ocidental seria guiada da esquerda para a direita e de cima para baixo, enquanto a oriental viria a ser da direita para esquerda e de cima para baixo, característica essa marcante para os mangás, mas que surgiu inicialmente para acompanhar o desenrolar dos antigos pergaminhos, o que facilitaria sua leitura.

Assim, a função das Histórias em Quadrinhos é justamente como qualquer literatura, a transmissão de ideias, conhecimento e experiência a seus leitores, ou ouvintes como mostra Rogério Campos, ao apresentar o termo *bänkelsängers*. Traduzido para português como cantastoria, em que haveria um narrador e um auxiliar com um instrumento musical, onde juntamente de uma lona, apresentariam imagens que os auxiliavam na narrativa. Exemplificado por Daniel Chodowiecki, na sua obra “Reforma da Moral” do ano de 1787, em Berlim, onde Campos apresenta a narrativa dos *bänkelsängers* que seria direcionada para todo tipo de público, inclusive assimilada com facilidade pela população analfabeta, sendo que as apresentações ocorriam em praças e feiras. Vale ressaltar que a história só se desenrolava se o montante de moedas arrecadadas fosse suficiente para iniciá-la ou concluí-la.

Ao analisar brevemente a ilustração de Chodowiecki, pode-se ver em primeiro plano, um narrador e um violinista de uma perna só. As imagens em que o narrador vai apontando se referem a cenas relacionadas à decadência moral, para os padrões da época, como 'roubo', 'doença' e 'divórcio', o público que acompanha é formado em sua maioria por crianças e adultos. Ao fundo se observa um ambiente circense com atores em pernas de pau, cuspidando fogo e fazendo acrobacias.

Figura 02: Reforma da Moral



Fonte: [https://www.britishmuseum.org/collection/object/P\\_1863-0613-1299](https://www.britishmuseum.org/collection/object/P_1863-0613-1299)

As imagens já auxiliavam na narrativa desde o Século XV, e seu uso serviu e continua servindo à literatura. Durante muito tempo, as imagens teriam uma conotação muito mais satírica e crítica do que a apaziguadora, marginalizando desde os *bänkelsängers* aos cartoonistas de jornais na atualidade. Os cartoons se aproximam das tirinhas e se apresentam como sátiras ao contexto em que estão inseridas, na forma de crítica a governos e situações sociais incômodas.

## 2.2 CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

A revolução Industrial e a criação das máquinas de fotografia e filmagem durante os séculos XVIII - XIX e suas constantes evoluções criaram um mercado de consumo visual e as Histórias em Quadrinhos passaram a se aproximar ainda mais da literatura, sendo muitas vezes vistas em conjunto nos jornais, com críticas e sátiras do contexto da época. No Brasil não seria diferente, como pioneiro temos o autor Angelo Agostini, que criou e ilustrou a Revista Ilustrada que circulou entre os anos 1876 a 1898. Na Revista Ilustrada havia grande teor poético e satírico, uma vez que Agostini criticava o governo e personagens políticos, apoiando a causa abolicionista e republicana, assim pode-se observar em suas diversas obras, denúncias de um contexto social vigente instável.

Outra característica que marcou a proliferação das Histórias em Quadrinhos brasileiras foi a presença de Maurício de Souza na construção da obra *Turma da Mônica*, quadrinhos destinados ao público infantil. No ano de 1959 começou a circulação das tirinhas de Souza junto aos jornais, e em 1960 ganhava publicação independente. A época de Ouro dos Quadrinhos se deu nos anos 1930 - 1960 nos EUA, reverberando para o Brasil e o mundo, assim o que os estadunidenses chamam de *comics* ou *grafic novel*, as quais tinham o conteúdo principalmente sobre super-heróis, foram apropriadas pela cultura brasileira como Gibi<sup>5</sup>, já em Portugal se conhece as Histórias em Quadrinhos como banda desenhada.

A época de Ouro nos EUA trouxe à tona um elemento importante sobre a construção do mercado e consumo de quadrinhos, conhecido como o selo *Comic Code*, onde histórias de terror, paranormalidade, mortos-vivos e de teor sexual estariam proibidas pois influenciariam os leitores, em grande parte, o público infantil. No Brasil, se criou o Código de Ética que se assemelhava aos artigos estadunidenses, onde até a atualidade os quadrinhos, principalmente de cunho de terror, têm algum grau de censura. O Código de Ética foi elaborado por um grupo de editores de revistas em quadrinhos, Editora Gráfica O Cruzeiro, Editora Brasil-América Limitada (EBAL), Rio Gráfica Editora (RGE) e Editora Abril<sup>6</sup>. Nos EUA, as grandes editoras pararam de submeter as revistas ao selo, inicialmente com a Marvel, em 2010, em seguida a Bongo Comics, a DC e Archie Comics. Algumas criaram indicação de conteúdo própria, como é o caso da DC, já as demais editoras publicam com “liberdade de expressão” deixando a responsabilidade do consumo do conteúdo para quem o adquire.

A construção de uma História em Quadrinhos é um longo processo igual a qualquer outra obra literária, mas o consumo, principalmente, por meio de tirinhas de jornais, acelera o processo de produção tendo um caráter momentâneo sobre seu contexto, mas que reverbera a compreensão dos fatos. A inserção das Histórias em Quadrinhos na literatura foi um tanto quanto perturbada, uma vez que críticos as apontavam como obras infantis e o consumo de desenhos por adultos não fazia sentido, mas autores e editoras se posicionaram e iniciaram a expandir as HQs de mais seriedade a todos os públicos e atualmente, a produção está em

---

<sup>5</sup> Por conta da editora fundada de mesmo nome em 1939 se tornou homônima no país por conta das tiras diariamente publicadas direcionadas para o público infantil, a editora Gibi se reformulou inicialmente na Rio Gráfica Editora, e mais tarde na Editora Globo.

<sup>6</sup> SILVA, Diamantino da. 2010. p. 14-16.

pequena escala, mas avançando lentamente uma vez que o consumo de HQs está se apresentando de forma permanente na sociedade.

Mas, como elaborar uma diferenciação entre todas as HQs? Seriam um gênero só? Segundo Paulo Ramos, os quadrinhos seriam um hipergênero com características comuns, mas de diferentes gêneros, assim como na literatura há os mais diversos gêneros, nos quadrinhos também, desde romance, drama, suspense, histórico, infantil e outros mais. Há gêneros abrangentes como *grafic novel*, traduzido como romance gráfico, onde se tem obras com teor ficcional, não-ficcional e outras que muitas vezes nem romance há, enquanto o *mangá* seria a estrutura utilizada pela cultura oriental, com uma característica importante no modo de leitura dos quadros, que seria da direita para a esquerda. Há então os subgêneros que delimitam o conteúdo abordado como ação-aventura, negócios e comércio, comédia, detetive, drama histórico, horror, mistério, romance, ficção científica e fantasia, sexualidade, esportes, jogos e suspense, entre outros.

## 2.3 A NARRATIVA HISTÓRICA E FICCIONAL

Apresento então a compreensão de que, mesmo com a base nas fontes, e toda a compreensão histórica de D'Salete, a obra, como toda narrativa ficcional, tenta preencher as lacunas historiográficas e dar a contextualização de um cotidiano palmarista. O autor imprimiu uma perspectiva negra mesmo que tenha se baseado nas fontes escritas pelos portugueses, que exaltavam a figura de Domingos Jorge Velho e vilanizavam Zumbi e todos de Palmares. É preciso lembrar que a cultura dos povos escravizados, que formaram quilombos como Palmares, era baseada na oralidade, logo a escrita não fazia parte de suas estratégias de comunicação. O distanciamento temporal, nesses casos, dificulta a preservação e conservação dos vestígios históricos dos palmarinos, por isso a dificuldade na construção das narrativas de Palmares. D'Salete então apoiado em uma licença poética, elabora sua obra com muitos elementos históricos, mas também acaba por ficcionalizar muitos outros, cabendo então ao leitor, discernimento para a compreensão da obra como uma representação e não como a verdade histórica sobre Palmares.

Representação essa, que segundo Roger Chartier, seria um instrumento teórico-metodológico de análise da história cultural onde

“As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos

interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”(CHARTIER, 1988,p.17)

No caso de Angola Janga fomenta o interesse principalmente do Movimento Negro Unificado, que buscou Zumbi como héroi nacional e Palmares como exemplo de formação social contra a sociedade escravocrata portuguesa.

Enquanto na literatura obras não-ficcionais se enquadram no gênero de Romance Histórico, na linguagem dos quadrinhos se adicionaria o termo gráfico, apresentado por Luciano Thomé, o termo Romance Gráfico Histórico, onde

A forma mais comum é aquela que se aproxima do romance histórico da literatura, na qual uma narrativa ficcional (em quadrinhos, no caso) é orientada pelo conhecimento histórico e pela consciência histórica. Podemos chamar essa ramificação do quadrinho histórico de ‘romance gráfico histórico’(ou ‘*graphic novel* histórica’). Nessa modalidade, personagens fictícios ou pormenores fictícios envolvendo personagens históricos se misturam a eventos e processos históricos reais criando uma narrativa fictícia, porém, baseada em fatos reais (THOMÉ, 2016 p. 155-156).

Assim a terminologia Romance Gráfico Histórico refere-se a obras que tenham em seu contexto eventos históricos, personagens históricos e outros elementos provenientes da pesquisa do autor/ilustrador que tentam dar um novo panorama para a compreensão desses fatos e personagens.

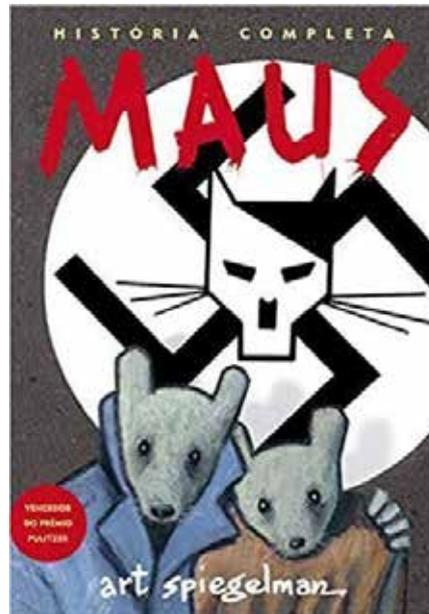
A obra de Art Spiegelman, *Maus*, publicada inicialmente de forma seriada, acabou ganhando dois volumes, entre os anos de 1973 a 1986, tendo o lançamento do primeiro volume em português entre 1986 a 1991 e o segundo volume no ano de 1995. Foi o primeiro *grafic novel* a ganhar o prêmio Pulitzer<sup>7</sup>, o que deu ainda mais reconhecimento a obra e ao gênero dos quadrinhos, passando a ser consolidados como obras para além do consumo infantil. A obra apresenta o contexto histórico no final e pós Segunda Guerra Mundial. O autor elabora uma entrevista oral de história de vida com seu pai sobre o passado enquanto judeu e polonês durante o avanço nazista na Europa. Como fonte, Spiegelman utiliza as entrevistas e memórias de seu progenitor para construir uma narrativa imersiva sobre a vivência dos judeus no genocídio causado pelos nazistas. São agregados também relatos de outros judeus conhecidos de seu pai, bem como jornais e panfletos poloneses sobre o que havia acontecido na cidade de Sosnowiec e na região. O autor utiliza ainda uma citação de Adolf Hitler como epígrafe na qual se lê: "Os judeus são indubitavelmente uma raça, mas

---

<sup>7</sup> O Prêmio Pulitzer é um prêmio norte-americano, concedido a obras nas áreas do jornalismo, literatura e música, dado aos trabalhos de maior excelência nas categorias indicadas.

eles não são humanos."(Spiegelman, 2009, p.10) Isso promove uma inserção ainda maior do leitor no contexto em que Hitler e seus comandados estimularam uma verdadeira caçada aos judeus.

Figura 03: Capa Maus

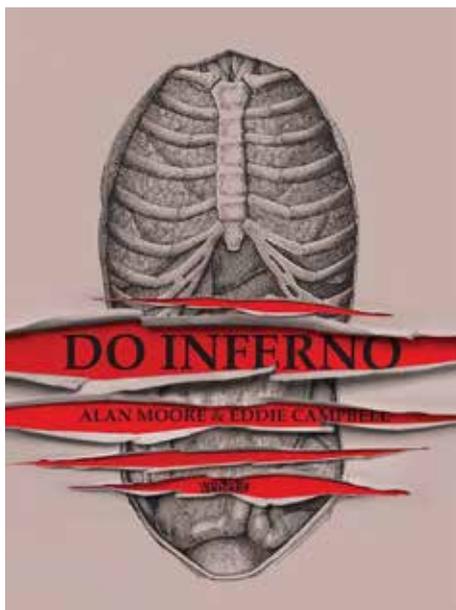


Fonte: Art Spiegelman. Companhia das letras, 2009.

Spiegelman desenvolveu *Maus*, e o que credenciou a originalidade da obra foi a retratação antropomórfica dos judeus como personagens com a aparência de ratos, tendo todos os traços de humanóides, enquanto os alemães se apresentam como gatos, os poloneses como porcos, franceses como sapos e os americanos como cachorros. Mostrando como os elementos visuais auxiliam na narrativa em toda a parte.

Outra obra enquadrada na categoria de romance gráfico histórico, seria *Do Inferno*, escrita por Alan Moore e ilustrada por Eddie Campbell, inicialmente publicada de forma seriada entre os anos de 1986 a 1996. Havendo documentos e fontes sobre as mortes das vítimas de Jack o Estripador, as especulações jornalísticas e pelo menos duas cartas legitimadas pelo autor dos assassinatos, que dá título à obra *From Hell*. Todas as fontes são apresentadas e comentadas pelos autores no apêndice da obra, que enfatizam que esta seria uma das muitas hipóteses apresentadas na época da investigação, que contou com mais de cem suspeitos, mas sem nunca ter sido concluída.

Figura 04: Capa Do Inferno

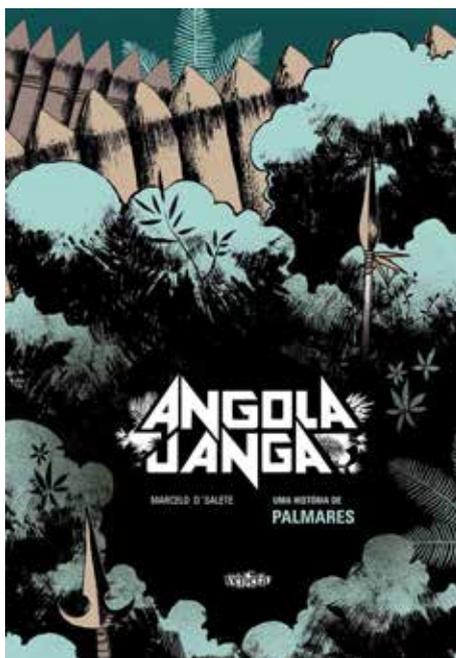


Alan Moore e Eddie Campbell Fonte: Veneta, 2014.

Muitas outras HQs trabalham com elementos históricos, mas sem fazer uma análise dos eventos. Apenas os utilizam para contextualizar a obra sem buscar a fidelidade histórica e nem apresentar as fontes historiográficas para o leitor, como se mostra plausível nas obras exemplificadas.

Com base no exposto busco compreender e analisar com mais profundidade a obra de Marcelo D'Saete, *Angola Janga* e o trabalho historiográfico elaborado pelo autor. Juntamente com a análise feita pelo mesmo que resultou na compreensão dos fatos que culminaram com a representação do maior regime organizado contra a coroa portuguesa, em terras americanas, no período colonial. Mesmo que com fontes escassas pelo lado da resistência à escravidão, e a grande quantidade de fontes pelas mãos dos opressores, o autor captura a dimensão dos combates que duraram mais de 100 anos e que reverberaram a pauta da luta pela liberdade até a atualidade, o que faz com que a obra continue a transmitir a mensagem de que Palmares impõe desde a sua fundação, a perspectiva de liberdade possível para todos.

Figura 05: Capa Angola Janga



Fonte: Marcelo D'Saete. Veneta, 2017.

Muitos foram os suportes e a visibilidade dada aos eventos de Palmares na literatura. Desde o século XVII há citações sobre o levante de revoltosos na Serra da Barriga, onde havia uma relação de como o poder colonial influenciou a literatura, na qual transparecia a figura de Zumbi, como um cargo e causador da fuga de escravos para os quilombos. Já a figura do bandeirante paulista Jorge Domingos Velho é retratada como solucionador dos problemas causados pelos escravizados.

Livros como *Ganga-Zumba* de João Felício, de 1964, e *Troia Negra* de George Landmann, de 1998, passando pelos filmes de Cacá Diegues, *Ganga-Zumba*, de 1963, e *Quilombo*, de 1984, foram obras que elaboraram um conhecimento sobre o que acontecia em Palmares. Havia também Histórias em Quadrinhos baseadas nas obras de Edison Carneiro “O Quilombo de Palmares” e do historiador português Ernesto Ennes “As guerras nos Palmares”, intitulada *Zumbi dos Palmares*, de Clóvis Moura e Álvaro de Moya em 1955 e *Zumbi: A saga de Palmares* de Antonio Krisnas e Allan Alex em 2003. Isso demonstra como o assunto é periodicamente abordado nos mais diferentes suportes, nos quais o grande enfoque é quase sempre a figura de Zumbi, sendo que sua morte é um marco para a sociedade brasileira.

Desde que foi instituída a lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003<sup>8</sup>, alterando a LDB, tornando-se obrigatória a presença do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos currículos da educação básica, as representações sobre Palmares vem ganhando destaque, sobretudo enfocando sua organização social fundamentada na resistência e liderança de Zumbi. A morte de Zumbi ocorreu em 20 de novembro de 1695, data essa em que foi instituído o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, oficialmente pela Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011<sup>9</sup>. A data simboliza mais do que a luta de Zumbi, a data é o lugar de memória da consolidação da identidade negra no Brasil e Zumbi é um símbolo dessa identidade.

No Brasil estudos sobre a utilização de HQs no ensino vem de longa data, sendo Álvaro de Moya um dos pioneiros de maior influência. No ano de 1951 organizou a I Conferência Internacional de Quadrinhos em São Paulo. Esteve presente quando os onze especialistas internacionais se reuniram para assinar uma declaração no dia 30 de outubro de 1989, sobre o nascimento dos quadrinhos no ano de 1896 com Yellow Kid. Foi professor na USP e esteve presente no universo dos quadrinhos desde antes da formulação do Código de Ética dos quadrinhos. Sofreu perseguição e repressão, por parte dos pais, padres e professores, que acreditavam que os quadrinhos afastam as crianças dos estudos, chegou a perder o emprego de quadrinista, mas se reestruturou e ilustrou diversas obras da Editora Abril, como *O Pato Donald* e *Mickey* e em 1955 ilustrou a obra *Zumbi dos Palmares*, em co-autoria com Clóvis Moura. No ano de 1995, 40 anos depois do lançamento, a prefeitura de Betim, lançou uma edição comemorativa aos 300 anos da morte de Zumbi, exaltando a "República de Palmares". Tal obra é muito bem desenvolvida e ilustrada, mesmo que com poucos elementos secundários, uma narrativa mais curta e com falas densas, tornou-se um bom referencial para a época. Apresentando também as fontes utilizadas pelos autores para construção do roteiro elaborado por Moura, primeiro, desmentindo o suposto suicídio de Zumbi escrito por Rocha Pitta, e apresentando as obras de Edison Carneiro e Ernesto Ennes.

Escrita em 1730, a obra de Sebastião da Rocha Pita "História da América Portuguesa, desde o ano de mil e quinhentos até o de mil setecentos e vinte e quatro" dentre os mais diversos elementos, descrevia o ajuntamento de Palmares e apresentava um tom teatral na representação de Palmares onde demonstrava que o

---

<sup>8</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)

<sup>9</sup> Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/112519.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112519.htm)

“[...] Príncipe Zumbi com os mais esforçados guerreiros e leais súditos, querendo obviar o ficarem cativos da nossa gente, e desprezando o morrerem ao nosso ferro, subiram à sua grande eminência e voluntariamente se despenharam, e com aquele gênero de morte mostraram não amar a vida na escravidão, e não querer perdê-la aos nossos golpes.” (PITA, 1952, p. 343)

A obra de Ernesto Ennes intitulada “As Guerras nos Palmares: subsídios para a sua história” foi escrita em 1938 e a obra de Edison Carneiro “O quilombo dos Palmares” escrita em 1958, utilizaram fontes primárias como as cartas trocadas entre os governadores de Pernambuco com a Coroa Portuguesa, do Conselho Ultramarino, e tornaram fundamentais a retomada do pensamento da resistência à escravidão formada por Palmares no século XX. Além disso os debates acerca da escravidão adquiriram uma nova perspectiva na sociedade, o da resistência desde o início. Também desmentiu a versão de Pita acerca do suicídio de Zumbi, enfocando a morte culminada por traição entre os seus e seu corpo violado e exibido por André Furtado de Mendonça, como exemplificação de como eram tratados aqueles que combatiam a Coroa Portuguesa, como objetivo de apaziguar boatos de que Zumbi seria imortal.

Outros autores como Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos estão presentes nos estudos teóricos envolvendo as Histórias em Quadrinhos no Brasil, ambos ganhando inclusive a premiação do Troféu HQmix, como melhor livro teórico sobre quadrinhos, com Vergueiro em 2007 com o livro *O Tico-Tico - centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*; e Ramos nos anos de 2008 e 2009 ganhando na categoria de Blog sobre quadrinhos e Mídia sobre quadrinhos, premiado pelo Blog dos Quadrinhos, onde apresenta, comenta e auxilia no compartilhamento de quadrinhos nacionais para sua maior visibilidade. Mas, suas obras não param nas premiações, os dois autores organizaram a produção de diversos livros sobre a utilização dos quadrinhos de forma didática, inicialmente com o livro *Como usar as Histórias em Quadrinhos na sala de aula* no qual apresentam formas e ferramentas genéricas e específicas para utilizar os quadrinhos, apresentando o Código de Ética dos Quadrinhos do Brasil, a inserção dos quadrinhos na LDB e PCN, elencando diversos pontos dos motivos pelos quais os quadrinhos auxiliam nos estudos, alinhando os períodos escolares com o conteúdo as quais as HQs lhe serviriam, desde a idade pré-escolar até o ensino médio.

Os autores também apresentam e dialogam com a inserção das histórias em quadrinhos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no Plano Nacional do Livro

Didático (PNLD) e no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), no livro “Quadrinhos na Educação da rejeição à prática” (VERGUEIRO; RAMOS, 2019). O livro apresenta o histórico das histórias em quadrinhos no Brasil e no mundo, como foi sendo elaborado o mercado editorial e a inserção das obras na escola, por meio do PNBE. Aponta também as obras escolhidas pelo governo federal de 2006 a 2009 elaborando propostas para utilização desses materiais em sala de aula nas mais diversas disciplinas, desde Língua Portuguesa, Geografia, Artes e História. Assim, *Angola Janga*, foi selecionada no ano de 2018, somente um ano após sua publicação, para participar do PNLD literário enfatizando o caráter de suporte didático da obra, reconhecida como potente instrumento para o ensino sobre Palmares pela comunidade de especialistas em materiais didáticos no Brasil.

Vergueiro é fundador e coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos - OHQ , o antigo Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos fundado por Álvaro Moya. Atualmente o observatório fica na Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA-USP) onde no ano de 2011 se iniciou o projeto de realização das Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, do qual Vergueiro e Ramos são organizadores desde a primeira edição. Paralelo à Jornada, são realizados congressos para debater a formação de quadrinhos no Brasil e no mundo, apresentação de estudos envolvendo quadrinhos nas mais diversas áreas. Com ampla visibilidade se torna um ambiente propício ao lançamento de novas HQs, o que torna o evento com caráter singular no quesito teórico-metodológico na abordagem e produção, criação, publicação, de estudos específicos e impactos educacionais desse tipo de obra.

Luciano Thomé também seria um autor de renome crescente nas áreas dos quadrinhos, formado como historiador em 2009 pela UFRGS e quadrinista pela ECA-USP em 2012, seus estudos teóricos são apresentados no livro organizado por Vergueiro e Ramos, onde apresenta os quadrinhos históricos em perspectiva. Desenvolve um paralelo com György Lukács ao trabalhar o romance histórico como um subgênero do romance, onde este seria “uma 'imagem artisticamente fiel de uma época historicamente concreta’(LUKÁCS, 1983. p.19)” e apresenta então uma ramificação desse subgênero para enquadrar as Histórias em Quadrinhos. Gerando assim, o conceito de Romance gráfico Histórico, o qual seria um gênero ainda em desenvolvimento e de pouca compreensão, já que obras de ficção histórica, teriam contexto histórico realista, mas com eventos não historiográficos ou sem documentação sobre os ocorridos. Thomé apresenta então que os romances históricos são

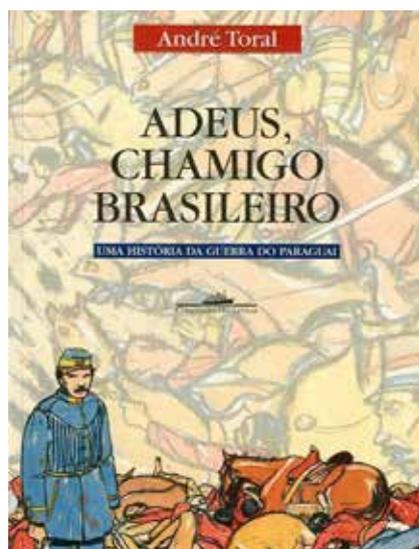
incumbidos de buscar a especificidade histórica dos personagens na inserção social, seus traços psicológicos e seus costumes (THOMÉ, 2020, p.155).

A presença de quadrinhos com algum carácter histórico se apresenta nos EUA pela revista *Classics Illustrated*, entre 1941 - 1971, apresentando clássicos da literatura como *Os Miseráveis*, *Hamlet*, *Os Três Mosqueteiros* e diversos outros clássicos baseados na literatura que foram ilustrados e publicados pela editora. No Brasil a EBAL, foi a responsável por traduzir e publicar essas obras e juntamente com a revista *Edição Maravilhosa* formam, com intencionalidade, o pressuposto de um conhecimento "pedagógico-edificante" onde se apresentava essas e outras obras nacionais a partir da história oficial da época, o contexto guiando a *magistra vitae* pelo cunho paternalista, etnocêntrico e autoritário (THOMÉ, 2020, p.156).

Para desviar dessas narrativas épicas “edificantes” que se formavam, e centralizar na narrativa histórica, mesmo que com um cunho de biografias romanceadas, trago como exemplo a obra *El Che*, uma biografia em quadrinhos de Ernesto Rafael Guevara de la Serna, publicada na Argentina em 1968. O autor Héctor Oesterheld e os ilustradores Alberto e Enrique Breccia, pai e filho, desapareceram por conta da censura na ditadura argentina (1976-1983). Isso demonstra como a influência política dos quadrinhos repercutia nos mais diversos âmbitos e, por vezes, com severas consequências. Os quadrinhos são assim uma linguagem extremamente versátil que entrelaça de inúmeras maneiras a ficção aos fatos, e cabe ao autor e ilustrador, que nem sempre são a mesma pessoa, o trabalho de crítica das fontes históricas nas quais baseiam as suas obras.

Em um ambiente hostil aos quadrinistas, e que faz parte do ofício do historiador, o trabalho com as fontes primárias, suas elaborações e referências visuais perpassam todo um contexto ao qual o quadrinista deve estar familiarizado, pois se não houver uma compreensão das fontes, pode haver uma mistificação dos fatos. O desenvolvimento da empatia histórica pode ser controverso e até mesmo se falsear a realidade, distorcendo significados e descontextualizado fatos (THOMÉ, 2020, p. 157).

Figura 06: Capa Adeus Chamigo Brasileiro



Fonte: André Toral. Companhia das Letras, 1999

Quando o quadrinista é também historiador, esses equívocos históricos tornam-se mais difíceis de ocorrer, como por exemplo no caso de André Toral, que elabora a obra *Adeus Chamigo Brasileiro* em 1999, contextualizando a Guerra do Paraguai. Utilizou fontes iconográficas, pinturas históricas, desenhos de campo, caricaturas da imprensa etc., apresentando as fontes como uma reconstrução visual, assim como em seu contexto histórico de produção, formando uma crítica documental integrada à narrativa, apresentando os usos e significados históricos das fontes.

Assim a utilização da formação histórica se mostra cada vez mais presente na construção de quadrinhos, tanto na compreensão do contexto histórico, da história em si, quanto no contexto da produção da obra, pois a presença de elementos gráficos, expostos sem contextualização, deixam margem para a não compreensão ou a compreensão errônea desses elementos. Por mais que as obras anunciem que fazem uma abordagem somente do passado, a leitura dos quadrinhos aproxima o cotidiano do leitor ao enredo da obra, pois cenas simples, como acordar, comer, caminhar, são representadas com elementos narrativos representativos para a continuação da história, além das características únicas de cada quadrinho, que torna cada história envolvente na sua particularidade.

## 2.4 A NARRATIVA VISUAL E ESCRITA

Ao compreender que os quadrinhos são a mescla de duas linguagens as quais são dependentes uma da outra, estudo a leitura visual com referencial em Erwin Panofsky e Will Eisner, dois autores que trabalham a leitura e compreensão da imagem. Nos quadrinhos podem dar um contexto silencioso, com elementos que intervêm na narrativa da obra sem serem verbalizados. A esse exemplo está a obra *The System* de Peter Kuper que é uma HQ somente com narrativa visual, os elementos descritos estão em contexto de imagem e não dos balões de fala. Aprofundando em Angola Janga, os elementos simbólicos presentes no contexto, além de elementos do contexto social que não necessariamente são explícitos, como o modo de vida e cotidiano colonial dentro e fora de Palmares.

Existindo, então, uma interlocução entre historiografia e ficção, Rüsen aponta como “a especificidade da narrativa histórica está em que os acontecimentos articulados narrativamente são considerados como tendo ocorrido realmente no passado” (RÜSEN, 2001, p. 154). Portanto, a interlocução que D'Saete apresenta na forma da narrativa gráfica histórica é representada na história de Palmares. Mas então qual seria a diferença entre narrativa gráfica histórica do romance gráfico histórico? A resposta é que a narrativa seria um termo mais abrangente que engloba todos os gêneros, incluindo o romance.

Cabe ao leitor ter a crítica histórica dentro da HQ na qual foi buscar entretenimento? Aqui a abordagem dentro da sala de aula se torna o ponto central, onde as HQs já se apresentam como fontes históricas, mas não ficam centradas na disciplina de História. O teor das HQs tem caráter multidisciplinar, podendo abordar no mesmo quadro as disciplinas de artes, Língua Portuguesa, Geografia, História e chegando até as ciências exatas e biológicas. Assim a abordagem se delimita pela premissa da disciplina, e a condução do professor. Mas, nem sempre as HQs se caracterizavam como auxiliadoras na educação. Frederic Wertham escreveu o livro *A sedução dos inocentes* onde acusava os quadrinhos de provocar anomalias no comportamento de crianças e adolescentes, o que aglutinou professores, mães, bibliotecários e grupos religiosos a compreender as HQs como deletérios, necessitando de uma vigilância por parte da sociedade, pois a leitura dos quadrinhos poderia levar crianças à homossexualidade, pela exposição, por exemplo, à representação da vivência do Batman com o Robin, ou levar uma criança a se jogar da janela do apartamento para imitar o

Super-Homem (VERGUEIRO, 2010, p.12). Assim a já citada *Comics Code* se desenvolve para apaziguar tais setores da sociedade e não estrangular o mercado editorial das HQs, mas, ao mesmo tempo, impondo censuras às obras e seus autores.

No Brasil, os quadrinhos ganharam um maior reconhecimento como transmissores educacionais, inicialmente com as mudanças na LDB em 1996, onde apresenta a inserção de novas linguagens e manifestações artísticas para divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber. Posteriormente os PCNs de Artes e Língua Portuguesa, em 2008, trazem referências às Histórias em Quadrinhos tanto nos anos iniciais quanto finais do ensino fundamental, e também no ensino médio, “dispositivos visuais gráficos que veiculam e discutem aspectos da realidade social, apresentando-a de forma crítica e com muito humor”(VERGUEIRO, 2019. p. 11). Outro elemento que reverberou foi a utilização dos quadrinhos e a cobrança dos alunos no domínio de leitura de outras linguagens e não só a escrita, por meio da inserção dos quadrinhos em provas de larga escala, por parte do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP), responsável pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) cobrando o domínio e compreensão das linguagens não-verbais por parte dos alunos.

Além da inserção dentro da sala de aula, os quadrinhos também chegaram às bibliotecas por meio do PNBE, que lançado em 1997, só iniciou a adesão de Histórias em Quadrinhos em 2006, aumentando gradativamente a adesão com o passar dos anos. Os quadrinhos foram assim inseridos no PNBE como um único gênero literário onde o critério predominante para seleção das obras seria a relação texto e imagem adequados aos jovens. Mas, Vergueiro aponta que o programa deve se afastar da compreensão dos quadrinhos como literatura e compreender que os quadrinhos já obtiveram emancipação como uma linguagem autônoma e que são manifestações artísticas autônomas, semelhante à dança, pintura, teatro, cinema e tantas outras formas de expressões (VERGUEIRO, 2019. p. 36-37).

Mas, então como desenvolver a relação com os estudantes? Se os quadrinhos estão inseridos nos contextos desde a alfabetização infantil, como os gibis podem ser auxiliares no desenvolvimento da fala, na compreensão da escrita, e na compreensão imagética? Se a aprendizagem é intrínseca com os quadrinhos, e neles as explicações apresentam uma abordagem diferenciada, sua utilização necessita de cuidados semelhantes a qualquer obra destinada ao público infantil. Diversas são as obras que cativam as crianças e também os adultos. *A Mafalda* de Quino, *Turma da Mônica* de Maurício de Souza e *Armandinho* de Alexandre Beck são exemplos de tirinhas, onde em poucos quadros apresentam um olhar

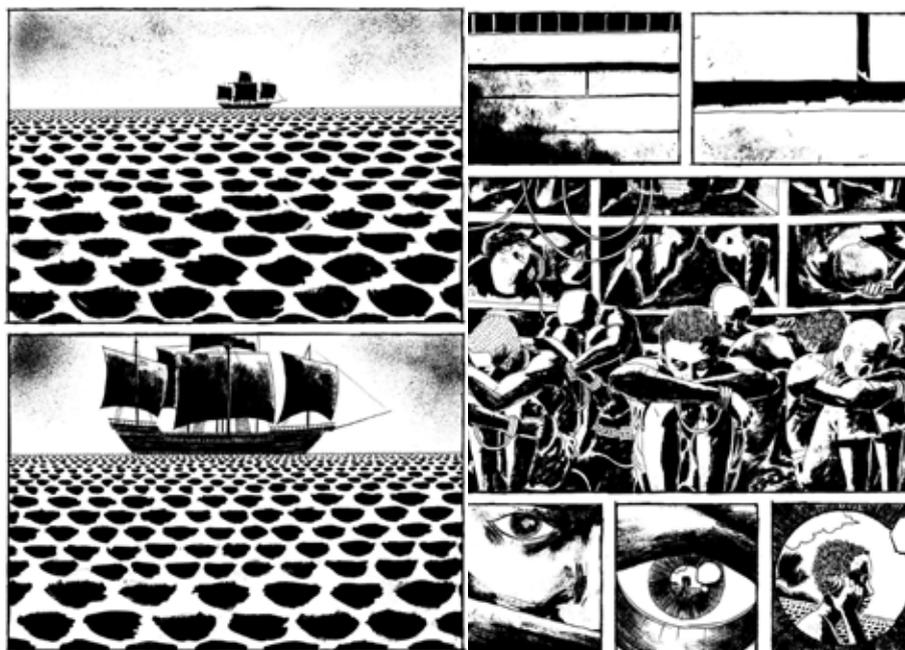
infantil, e ao mesmo tempo crítico, sobre elementos do contexto político-social, e ao mesmos tempo auxiliam na compreensão de leitura textual e imagética, além do desenvolvimento da fala.

### 3. ANGOLA JANGA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Neste segundo capítulo iniciarei a abordagem específica dentro do meu objeto de estudo, no caso a obra *Angola Janga*. Marcelo D'Saete ganhou no ano de 2016 o edital número 35/2016 do Programa de Ação Cultural (ProAC) do estado de São Paulo, contemplando a obra para elaboração e publicação, que se deu no ano de 2017. No entanto, o autor trabalhou com o material para a construção da obra ao longo dos 11 anos que antecederam a publicação.

*Angola Janga* é uma história em quadrinhos que contextualiza o leitor sobre a época da colonização do Brasil. Portugal tinha a sua disposição vastas terras férteis, e com suas colônias no continente africano, junto da exportação e tráfico de escravos, tinha também mão-de-obra para fomentar a economia colonial. Durante os séculos XV a XIX a estimativa total de embarque de africanos em condições de cativos e escravizados tenha superado a marca de 12.521 milhões de pessoas, no entanto o número de pessoas que desembarcaram se aproxima de 10.702 milhões, assim sendo cerca de 15% desses escravizados faleceram na travessia do Oceano Atlântico.<sup>10</sup>

Figuras 07 e 08: Representação de um *Tumbeiro*



Fonte: Marcelo D'Saete. *Angola Janga*, 2017, Veneta. Páginas: 114 e 115.

<sup>10</sup> D'Saete, Marcelo. *Angola Janga*. São Paulo: Veneta, 2017. p. 427

O livro contém uma linguagem própria, tanto no meio gráfico, pelas estruturas dos desenhos, mas também com termos da época, que estão em negrito durante toda a obra. A representação do cotidiano dentro do mundo escravocrata se dá em diversos momentos, como a representação da casa grande e senzala, com mostra a Figura 9. Onde apresenta mais a esquerda, a senzala com a representação do momento da contagem dos escravizados que ali viviam, a casa grande, formada pela cozinha mais à esquerda e a capela mais a direita, contando com o cemitério aos fundos, e na direita o engenho, local de trabalho dos escravizados, movido por um moinho de água, o que promove o trabalho sem interrupção, 24 horas por dia, em jornadas exaustivas e mortais. Já no canto inferior do quadro se apresenta o pelourinho, local destinado a tortura e castigo de escravizados fugitivos ou que cometiam delitos contra seus senhores.

Figura 9: Representação da Csa Grande da Dona Catarina



Fonte: Marcelo D'Saete. Angola Janga, 2017, Veneta. Página: 19

No anexo 1 se pode observar a representação do cotidiano palamarista, quando a criança Dara, passa por eventos rotineiros, como a alimentação das galinhas, porcos, a pesca, produção de ferramentas e comidas, demonstrando também a presença de povos indígenas e a rotina de ensinamentos para crianças com as histórias de seus ancestrais que iniciaram a habitação daquelas terras que viriam a ser Palmares.

Figura 10: Representação do cotidiano palmarista



Fonte: Marcelo D'Saete. Angola Janga, 2017, Veneta. Página: 196

Assim, os africanos escravizados que fugiam de senzalas e engenhos eram oriundos de antigos reinos do Ndongo, Kongo, Matamba e outros próximos, falantes de línguas como o quimbundo, ovimbundo, umbundo e que foram traficados principalmente durante os séculos XVI e XVII (D'Saete, 2017. p. 419 - 420).

As primeiras documentações que citam a organização de Palmares datam de 1597, onde após homens e mulheres destruírem um engenho, se embrenharam na mata densa em direção a Serra Da Barriga. As primeiras expedições coloniais se iniciaram em 1602, sem muito efeito. D'Saete apresenta uma súpula da guerra dos Palmares cuja primeira fase (1596-1630), com 2 expedições coloniais e mais de 6 ataques palmarinos a povoados e assentamentos, sendo que os ataques coloniais visavam atingir 4 a 5 quilombos localizados na Serra da Barriga. A segunda fase (1631-1654) viria a ser a parte de maior crescimento de Palmares, com o foco da coroa portuguesa na ocupação holandesa em Recife, houveram 4 expedições coloniais e 4 ataques palmarinos. A terceira fase (1655-1694) foi a de maior luta com 31 expedições coloniais, sem contar as expedições particulares de senhores de engenho que buscavam seus escravizados desertores, e 13 ataques palmarinos. A quarta e última fase (1695-1716) contou com 29 expedições coloniais e 8 ataques palmarinos, após a morte de Zumbi em 1694, a estratégia militar por parte dos quilombos foi a retomada da guerra do mato, sem confronto direto (D'Saete, 2017, p. 424).

As estratégias militares utilizadas pelos mocambos contra os portugueses eram as mesmas utilizadas no continente africano entre tribos rivais, sendo as táticas de guerrilha e espionagem bem elaboradas contra os portugueses em solo latino. Muitos desses guerreiros das mais diversas tribos foram vencidos em guerra no Continente africano, foram escravizados e enviados ao Brasil, tendo assim experiência e motivação na luta contra os portugueses. Os lusos-brasileiros temiam que lideranças africanas chegassem às serras de Pernambuco e assim guiassem uma forte rebelião e até a tomada da colônia (D'Saete, 2017 p. 420). O quilombo de Subupira era conhecido como centro de treinamento militar, demonstrando como a organização de Palmares era essencial a sua sobrevivência, e seu poderio militar se baseava em armas como lanças, facões, arcos e flechas, armas de fogo pilhadas das expedições fracassadas. A própria mata fechada que protege quem a conhece foi usada como estratégia de luta, principalmente com a inserção de fojos, armadilhas terrestres, que consistiam em buracos com estacas e camufladas com folhas e galhos.

Na primeira fase que ia da fundação em 1596 a 1630 Palmares haveria de ser pequeno, mas seu símbolo de luta já inspirava aqueles que almejavam a liberdade. Não há documentação sobre lideranças nesse primeiro momento, mas se destaca Acotirene, nome de uma líder antecessora de Ganga Zumba, homenageada com o nome de um dos mocambos de Palmares, que seria de grande influência na vida dos primeiros palmaristas, sendo matriarca e conselheira junto com os mais anciãos. Em Angola Janga, ela era a responsável por ser o oráculo dos Iorubás, dentro das religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda, o jogo de búzios teria como nome mérindílógún, tendo assim uma ligação com o divino africano, o que dava aos palmaristas ainda mais acolhimento e um refúgio seguro das amarras do colonialismo e do cristianismo no continente americano. Ela seria uma das primeiras líderes a integrar a rede de informações entre mocambos, junto com o crescimento populacional palmarista ocorrido pela oportunidade de baixa preocupação portuguesa com os fugitivos e seu foco na ocupação holandesa.

Outro personagem importante para Palmares foi Aqualtune, que também teve seu nome homenageado em um mocambo. Aqualtune Ezgondidu Mahamud, seria irmã do rei manikongo e lutou ao seu lado na batalha de Mbwila no Congo, em 1665, contra a invasão portuguesa. Liderou cerca de 10 mil homens, mas por conta do poder superior dos portugueses e da contratação de mercenários, acabou por perder a batalha e foi vendida como escrava para terras coloniais brasileiras. Chegou em Pernambuco e foi vendida para um

engenho próximo a Porto Calvo, estava grávida e descobriu a existência de Palmares. Organizou uma fuga com quase 200 escravizados, que sabiam de seu passado e foi muito bem recebida no mocambo. Sendo rapidamente posta como uma das conselheiras por sua vasta experiência contra os portugueses, seria a mãe de Ganga Zumba, nascido em 1630 no Congo, e vendido juntamente com sua mãe. Ganga Zona seria seu segundo filho, já nascido em Palmares, assim como sua filha Sabina que seria a suposta mãe de Zumbi.

Na adaptação para Angola Janga, Marcelo D'Saete une as duas personagens, mas apresenta a existência dos dois mocambos, Acotirene e Aqualtune, e, no entanto, só faz referência a Acotirene como mãe de Ganga Zumba, líder e conselheira dos Palmares. Junto com a diferenciação no nome da mãe de Zumbi, que na obra seria Una, há ainda a ausência da personagem de nome Dandara, mas há a presença de uma líder guerreira chamada Andala, sem vínculo romântico com Zumbi. Por mais que seja uma obra que contextualiza a luta de liberdade por Palmares, acabou tendo como base a documentação colonial que teve seu enfoque em Zumbi, sem se aprofundar nos personagens secundários.

### 3.1 DEBATE HISTORIOGRÁFICO E DOCUMENTAL

É utilizado o artifício da epígrafe no início de cada capítulo para contextualizar o leitor com uma fonte primária sobre o enredo apresentado a seguir. Com a obra dividida em onze capítulos, tem-se citações do governador da capitania de Pernambuco do ano de 1660, do conselho Ultramarino do Século XVII, dos historiadores Clóvis Moura e Décio Freitas, Domingos Jorge Velho e até mesmo o Alvará Régio escrito em 1680, o qual pedia que a cabeça dos conspiradores fosse exposta em praças públicas para servirem de exemplo. Assim, cada capítulo se desenvolve com base em fontes primárias expostas ao leitor, ou embutidas no enredo visual da obra. D'Saete trabalhou e viveu na Serra da Barriga, onde está o Memorial do Quilombos dos Palmares, centralizado no mocambo de Macaco e reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Na obtenção de imagens de paisagens, contexto natural e baseado nas recriações de casas, locais de trabalho, cercas e torres para dar mais elucidação a obra construída, utilizando-se, inclusive, de citações encontradas no Memorial, como a do historiador Ivan Alves Filho, ao contextualizar sobre o assentamento de Cucaú.

Figura 11: Representação do Mocambo de Cucaú em 1680



Fonte: Marcelo D'Saete. Angola Janga, 2017, Veneta. Páginas: 154

“No mês de novembro de 1678, à frente de um grupo de 140 pessoas, Ganga Zumba se deslocou para Recife a fim de formalizar o acordo de paz. Ele foi nomeado oficial do exército português e dois de seus filhos foram adotados pelo Governador. As autoridades colocaram imediatamente em prática uma das cláusulas do acordo, que concedia aos ex-palmarinos o direito a uma terra. Assim, Ganga Zumba e seus partidários vão viver em Cucaú, uma região situada a 32 quilômetros de Serinhaém.” (FILHO, Ivan Alves. 2008. In D'Saete, 2017. p. 150)

Cucaú é um divisor de águas no contexto de Palmares, pois foi uma tentativa de paz por parte dos portugueses, que manteriam os palmaristas em liberdade mas sob constante vigilância. O acordo tratado com Ganga Zumba, era para que somente os nascidos em Palmares fossem livres, os demais teriam a possibilidade de reescravização. Foi somente após a saída de Ganga Zumba para Cucaú que Zumbi obteve a liderança dos Palmares, pois lutava pela liberdade de todos.

Palmares teve um intenso debate historiográfico desde sua criação e ainda continua levantando debates sobre diversos elementos, com a compreensão da fundação dos mocambos em 1596, por meio de documentação portuguesa sobre um aglomerado de escravizados fugitivos na Serra da Barriga. As batalhas entre palmaristas e portugueses se acentuaram após o fim da invasão holandesa em Pernambuco, pois durante a invasão houve expansão populacional de Palmares devido a situação dos escravizados ser menosprezada. A construção teatral da figura do Zumbi como um herói que se suicidou para não ser capturado,

a falta documental de citação a Dandara. Narrativas essas que auxiliavam mais o contexto no qual foram escritas para serem usadas como aportes nas lutas da atualidade, do que remetendo historicamente às lutas passadas.

A obra “três vezes zumbi” de França e Ferreira, apresenta a construção de Zumbi, em três diferentes momentos, a inicial, seria o “Zumbi dos colonos” mais próximos temporalmente dos fatos, seguido da compreensão do “Zumbi do Brasil Independente” que incorporava narrativas errôneas sobre Palmares, para deslegitimar a rememoração e, por último, o “Zumbi dos oprimidos” que encabeçava as lutas sociais da sua época, mas também da contemporaneidade. Ao apresentar o contexto social da chegada dos escravizados ao Brasil, se apresenta as literaturas de viagens estudadas por França, onde em 1667, Dionísio Carli, de passagem por Recife relata que a “cidade era pequena, ‘mas muito povoada, sobretudo por escravos mouros, vindos de Angola, do Congo, do Dongo e de Mataba” (FRANÇA, FERREIRA, 2012 p.20). Apresentam também a estratégia portuguesa na mistura de etnias, onde integrantes de tribos inimigas estariam no mesmo ambiente, enquanto os aliados seriam distribuídos entre Recife e Rio de Janeiro, assim a segurança pública se funda pela antipatia natural do escravizados (FRANÇA, FERREIRA, 2012 p.22).

Um jesuíta chamado Antonil, escreveu em 1711 a obra “Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas”, onde há um capítulo intitulado “como se há de haver o senhor do engenho com seus escravos” onde extrai do livro de Eclesiastes “Panis et disciplina et opus servo” onde em tradução literal seria “para o escravo, o pão. o castigo e o trabalho” mas como uma adaptação para o mundo rural e rústico dos senhores de engenho, se consagrou a tríade do P : “Pau, pão e pano” (FRANÇA, FERREIRA, 2012 p.29-30).

Diversos são os meios que permeiam a obra, mas com a busca pelo contato historiográfico, apresentando suas fontes por meio da epígrafe e do próprio contexto da obra articulado pelo gráfico visual, já que os quadrinhos trabalham com essa dupla linguagem (do verbal e não-verbal) com a contextualização visual da obra, apresenta elementos históricos, como a vestimenta, o modo de falar e de se portar, a hierarquia escravocrata presente mas, também, a hierarquia pelo lado dos libertos e fugitivos e do seu cotidiano.

## 3.2 A UTILIZAÇÃO DAS FONTES HISTÓRICAS E A REPRESENTAÇÃO DO PROTAGONISMO PALMARISTA EM ANGOLA JANGA

D'Salete apresenta um seu subtítulo, “Uma História de Palmares” pois entende que são muitas as narrativas e compreensões já feitas e que ainda serão feitas, sobre Palmares, já que por mais de cem anos resistiram ao sistema colonial vigente na época. O autor aponta também que essa seria uma obra voltada ao olhar palmarista sobre os eventos ocorridos nas guerras do mato, não somente como um povo rebelde que buscava somente a luta contra os portugueses, mas sim buscavam viver livres. Seus ataques seriam, na verdade, em defesa de suas famílias, sua casa e o lar que os acolhera após serem sequestrados, traficados e vendidos como simples peças que alimentariam a economia colonial.

Muitos são os debates acerca de Palmares e sua gente, muitos sensacionalistas os quais buscavam exacerbar a representação de Palmares em favorecimento próprio e de seus próximos, fingindo ataques palmaristas para terem indenizações, forjando assaltos para evitar apoio popular, e propagando que dentro de Palmares haveria escravidão. Ao buscar dentro da historiografia fontes confiáveis, me deparo com autores utilizados por D'Salete na construção de sua obra, como o livro de Joel Rufino dos Santos “*Zumbi*”, e a obra de Jean Marcel Carvalho França e Ricardo Alexandre Ferreira “*Três vezes Zumbi*”, historiadores cunhados pelo ofício na busca de compreensão de suas fontes e da sua contextualização. Assim D'Salete insere citações como trechos ou parte contextualizadora dos capítulos específicos como o capítulo dois, intitulado de *Nascimento* apresentando o ataque realizado por Brás Rocha em Palmares no ano de 1655, apresentado no anexo 01.

A tutela do bebê entregue ao Padre Melo, chamado Francisco, que aprendera português, latim, e fugindo no ano de 1670, tornando-se Zumbi. Tudo isso demonstrado como narrativa gráfica, com pouco uso de palavras, e seguindo a narrativa não-verbal. Tais citações são estudadas por França e Ferreira em seu livro, “*Três vezes Zumbi*”, no qual compreendem e estudam Zumbi, embasados em Rufino dos Santos e Décio Freitas, que iniciaram a discussão sobre a construção do Zumbi dos Oprimidos<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> FRANÇA, Jean Marcel Carvalho; FERREIRA, Ricardo Alexandre. 2012. p. 84 - 147.

Figura 12: Primeiro quadro do Capítulo *Nascimento*.



Fonte: Marcelo D'Salete. Angola Janga, 2017, Veneta. Página: 57

Ao encontrar nas epígrafes fontes históricas que remetem ao contexto social o qual cada capítulo aborda, D'Salete explora a historiografia para fazer um paralelo entre sua obra e a compreensão do leitor pelo contato direto com fontes primárias. Dentre as mais diversas fontes se encontram cartas trocadas entre os governadores de Pernambuco com a Coroa Portuguesa, informes dos conselheiros ultramarinos, além de cartas dos padres, bispos e sacerdotes da igreja católica. Ao explorar tais fontes durante o enredo da história em quadrinhos, o autor busca apresentar a historiografia para construir uma simbiose da realidade com a ficcionalidade da obra.

A abertura do segundo capítulo de Angola Janga, se intitula “Nascimento” contendo o seguinte prefácio:

“Ao lado de Palmares correm fertilíssimos campos que vão beber ao rio de São Francisco, abundantes de gados e lavouras, e cheios de currais, que todo se hão hoje despovoado pelas repetidas invasões dos negros que sem oposição militar assaltam, roubam e destroem todo aquele país, que é a melhor coisa do Brasil. Como o fizeram aos currais do Panema de Francisco Gomes de Abreu, de dona Francisca de Tal e outros daqueles sertões. [...]

Neste Palmares em que assistem os negros há um lugar, a que chamam o outeiro da Barriga, que em algum tempo habitaram com fortificações que fizeram de estacadas e fossos para defender melhor a grande povoação que aí tinham como todas as convivências e comodidades para o seu sustento, por os rios lhe davam peixes, os matos caça, os troncos mel e as palmeiras ramos com que cobrem as casas, como também as folhas fazem panos para se vestirem, além de sal, azeite e vinho, que a indústriia humana soube tirar daquelas abundantíssimas e fertilíssimas árvores.” (Autoria presumida de João Ferreira Vieira, 1677. In \_\_\_\_\_, D'Salete. Angola Janga. São Paulo, Veneta. 2017. p 56)

Tal passagem contextualiza o leitor para a narrativa gráfica que se segue sobre a primeira infância de Zumbi e a região geográfica em que se transcorre a trama, no caso a Serra da Barriga. Para analisar a estrutura dos quadrinhos, busco como fonte Joel Rufino dos Santos, o qual apresenta uma síntese sobre a vivência de Zumbi, com foco na infância que viveu em meio aos portugueses. D'Salete bebeu dessa fonte para inspirar seus capítulos e desenvolver os elementos imagéticos que envolvem sua obra.

“Tudo começou com um Brás da Rocha que atacou Palmares em 1655 e carregou, entre presas adultas, um recém-nascido. Brás o entregou, honestamente, como era do contrato, ao chefe de uma coluna, e este decidiu fazer um presente ao cura de Porto Calvo. Padre Melo achou que devia chamá-lo Francisco. (...) Padre Melo achava Francisco inteligentíssimo: resolveu desasná-lo em português, latim e religião. (...) Numa noite de 1670, ao completar quinze anos, Francisco fugiu. (...) Doze anos depois, o cura regressou a Portugal - foi servir em Santarém - e de lá, em cartas a um amigo do Porto, só falou bem do ex-coroinha. (...) Francisco se chamava agora Zumbi.”<sup>12</sup>

D'Salete apresenta também o dilema entre os mercenários e jesuítas onde a caça aos fugitivos teria a função de retomar o escravizado ao trabalho, mas na versão da missão jesuíta seria para salvar a alma desses escravizados, enquanto com os mercenários o motivacional seria eschachado o racismo e o ódio pelos fugitivos, assim buscando exterminar a todos os que encontrassem.

Figura 13: Primeiro sequência de fala do Capítulo *Nascimento*.



Fonte: Marcelo D'Salete. Angola Janga, 2017, Veneta. Página: 58.

<sup>12</sup> RUFINO dos Santos, Joel. 1985. p. 27-8.

Na parte final da citação, ao comentar sobre a fuga de Francisco, também inspira o contexto do capítulo quarto escrito por D'Salete, intitulado *Cicatrizes* que traz uma lembrança do personagem Zumbi no momento de sua fuga em Porto Calvo em 1670, conforme apresentado no anexo 2. Rufino apresenta ainda uma breve síntese sobre o embate entre Zumbi e Ganga Zumba sobre o acordo acerca de Cucaú. Onde Zumbi

“Aos quinze anos deixava a liberdade e o conforto de padre Melo para voltar a Palmares. Aos 23 recusou a paz que Ganga Zumba firmara com os brancos, paz que lhe garantiria a liberdade pois nascera em Palmares. Aos 25, incompletos, fechou, enfim, a última porta: continuaria em Palmares para combater”<sup>1314</sup>

França e Ferreira analisam como Rufino construiu Zumbi como um guerreiro magistral, mas ao contrário de outros autores coloniais não exaltou os dotes do líder negro como um auxiliar na formação da imagem heróica do bandeirantes Domingos Jorge Velho. Ao compreender que a meta de Rufino seria a inserção do quilombola na galeria dos grandes generais da história como Ciro, Alexandre, Aníbal, a rainha Nzinga Samori e tantos outros (FRANÇA, FERREIRA, 2012 p. 126-127). Como podemos ver na citação a seguir:

“Zumbi diferiu, entretanto, de muitos desses campeões da guerra numa coisa: não combateu para conquistar territórios ou glórias. Foi, no entanto, um guerreiro implacável, incapaz de hesitar diante do sangue e do fogo. Desde que sentou no trono que fora de Ganga Zumba, na praça central da Cerca Real de Macaco, seu corpo pequeno e magro se transformou numa flecha apontada para o coração do mundo escravocrata. Ele transformou o povo inteiro de Palmares - quase 30 mil pessoas - num arco retesado”<sup>15</sup>

Assim, Zumbi lutava não pela sua liberdade, pois quando Ganga Zumba firmou o acordo de Cucaú já lhe garantia a sua liberdade. Lutava então pela liberdade de seus iguais, fugitivos e ex-escravizados que ainda poderiam voltar para as senzalas caso fossem capturados. Por isso a luta de Zumbi é tão importante e significativa na luta anti-escravista tanto no período colonial, quanto posterior, o que faz dele um herói nacional simbolizando a luta contra o racismo que está presente até os dias de hoje na sociedade brasileira.

Um segundo elemento a ser analisado seria a construção de uma narrativa visual com elementos da linguagem Sona, desenvolvida pelo povo Tchokwe que habita predominantemente o nordeste de Angola e partes do noroeste da Zâmbia, além de áreas

---

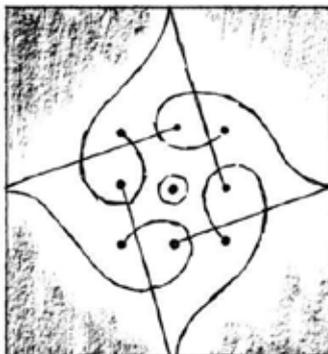
<sup>13</sup> RUFINO dos Santos, Joel. 1985. p. 36.

<sup>14</sup> Para uma maior dimensão sobre a estrutura da obra, analisar os anexos 01 e 02.

<sup>15</sup> RUFINO dos Santos, Joel. 1985. p.37.

adjacentes do sul do Congo. Conforme as figuras, os desenhos de areia fazem parte da tradição oral do Tchokwe.

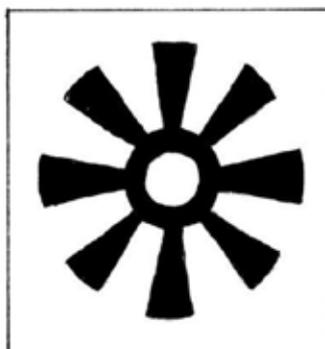
Figura 14: Floresta Abundante



Fonte: Marcelo D'Saete. Angola Janga, 2017, Veneta. Página 38

Tal figura se constrói juntamente com a narrativa oral, onde as linhas perpassam pelos pontos contando a seguinte história “Do mato sai a perdiz, perseguida pelo mukhondo, sai a palanço perseguida pelo leão e sai a mulher perseguida pelo homem” a construção total do desenho significa um lugar na floresta onde abunda frutos e animais<sup>16</sup>.

Figura 15: Símbolo Adinkra da sabedoria e esperteza.



Fonte: Marcelo D'Saete. Angola Janga, 2017, Veneta. Página 204

Ananse Ntontan é o nome da figura número 13, representando sabedoria e esperteza, mas em Angola Janga é apresentado durante uma história oral contada pelo personagem Tatá. Na história Ananse seria uma aranha transmitindo a sabedoria da construção da teia como proteção e ataque. Assimilada a mata que envolve Palmares, cabendo aos palmaristas

---

<sup>16</sup> <https://www.geledes.org.br/arte-de-contar-historias-em-desenhos/>

proteção e auxílio no ataque, construindo fojos e ciladas contra aqueles que invadissem a floresta sem consentimento.

Além da utilização da estatueta Chibinda Ilunga como um símbolo de paz e dominação entre palmarinos e portugueses, principalmente durante o firmamento do acordo de paz de Cucaú no ano de 1678, e que na História em Quadrinhos se desenvolve como representação da liberdade, pois dentre as lendas da estatueta ela representa a expansão do reino de Lunda, que se transformou em um grande império, estendendo-se por terras hoje pertencentes a Angola, Zâmbia e Congo.<sup>17</sup>

Figura 16: Estatueta de Chibinda Ilunga



Fonte: Marcelo D'Saete. Angola Janga, 2017, Veneta. Página 84

### 3.3 CONSCIÊNCIA HISTÓRICA, O ENSINO E A DIDÁTICA A PARTIR DE ANGOLA JANGA

E a utilização em sala de aula? Como tirar um melhor proveito das obras e contextos apresentados? Como buscar a veracidade histórica dentro das HQs e apresentar o passado aos leitores e estudantes? Como auxiliar os alunos na construção da sua consciência histórica a partir de reflexões dos quadrinhos e com qual embasamento? Assim como qualquer material didático-pedagógico, a figura do professor(a) deve buscar e estudar as fontes antes de apresentar aos alunos, elaborar estratégias de abordagem, e a elaboração de exercícios que formem o saber histórico e a consciência histórica dos estudantes.

Para responder essas e outras perguntas levantadas durante a execução do trabalho busco dialogar com autores como Jörn Rüsen e Luís Fernando Cerri para melhor

---

<sup>17</sup> D'SALETE, Marcelo. 2017. p. 416

compreender a formação da consciência histórica, a didática e o ensino da História. E como aplicadamente Angola Janga se enquadra na formação histórica de seus leitores.

Ao analisar as histórias em quadrinhos como uma possível reflexão didática, apresento Cerri como norteador desse entendimento uma vez que todos os estudos históricos sejam submetidos a uma reflexão didática e não apenas aquelas pensadas para a partir da escola (CERRI, 2011. p 52). “Bann afirma que a história é o modo pelo qual a cultura lida com o próprio passado”, desenvolvendo assim um paralelo onde a narrativa histórica é também uma invenção retórica onde essa invenção de histórias é a parte mais importante da autocompreensão e autocriação humanas (CERRI, 2011. p 35).

A construção da conscientização histórica, não se pode dar por definitiva, uma vez que a “‘verdade histórica’ não o é”, mas ao buscar a racionalidade se verga ao melhor argumento e a narrativa mais bem fundamentada (CERRI, 2011. p 80). Assim compreendendo Angola Janga dentro desse meio, com a finitude de fontes apresentadas, a estruturação da narrativa e seus argumentos presentes na história concretizam como autêntica uma análise próxima ao vivido na época.

Desenvolvendo então o saber histórico se torna um processo lento e gradual que não pode ser imposto, mas deve ser trabalhado e acompanhado para formar a consciência do “pensar historicamente” para a formação cidadã onde se tenha a capacidade de entender e posicionar-se diante das diferentes visões de mundo (CERRI, 2011. p 66).

O contato com Angola Janga para a maioria da população brasileira pode ser pautado como identitário, mas uma parcela da população acaba por não compreender os estudos acerca da resistência à escravidão uma vez que, não haveria empatia, pois não participaria do grupo oprimido, por vezes reproduzindo a opressão. Cerri apresenta então como

“A contribuição da história na escola não é só a compreensão da própria realidade e a formação da identidade, mas também a concepção e compreensão da diferença, da alteridade-tanto para ensinar a convivência nas sociedades que hoje são, na maioria, multiculturais, quanto para ensinar a julgar o próprio sistema político e social em que se vive.[...] É dentro desse raciocínio que se pode ser lida como oportunidade a lei que institui a obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira...”(CERRI, 2011. p 126).

Ao tomar sentido das ideias de orientação no tempo, se compreende que nas "perspectivas gerais nas quais o passado aparece como história" se tornam presentes os interesses do conhecimento histórico (RÜSEN,2010, p. 32). Assim as interpretações sobre o passado se desenvolvem acerca das fontes e elementos históricos com os quais se tem

contato. Dessa forma, "o passado só se torna história quando expressivamente interpretado com tal; abstraindo-se dessa interpretação ele não passa de material bruto." (RÜSEN,2010, p. 68). Inseridas dentro de Angola Janga, as fontes estariam a esmo, sem um contexto inicial, no qual a interpretação seria seu primeiro alicerce. Mas, ao continuar na leitura, se faz a compreensão dos elementos presentes na narrativa gráfica histórica se associando tanto com a fonte como com a experiência do leitor, como fatos e elementos básicos do cotidiano, assim apresentando a experiência sobre a interpretação como um processo que auxilia na formação do conhecimento histórico e na formação histórica.

Após fazer uma análise de uma história em quadrinhos, Rüsen aponta como a constituição histórica tem uma forma onde o passado é interpretado, o presente entendido e o futuro esperado. E para elaborar e compreender "o sentido histórico requer três condições, formalmente, *a estrutura de uma história*, materialmente, *a experiência do passado*; funcionalmente, *a orientação da vida humana na prática* mediante representações do passar do tempo." (RÜSEN,2010, p. 160-161)

"A constituição histórica de sentido dá-se, pois, não apenas na forma de uma narrativa elaborada a partir de uma prática cultural oriunda das narrativas do cotidiano, como em uma celebração cívica, em um discurso gratulatório, em um curso universitário ou na produção e recepção de textos historiográficos, em exposições históricas, em jogos históricos, etc. Ela perpassa todas as dimensões das mais diversas manifestações da vida humana. Ela pode efetuar-se na forma de procedimentos inconscientes que influenciam a vida concreta, como o recalque, o afastamento ou a reinterpretção das lembranças, experiências e interpretações impostas que incomodam. Ela perpassa a comunicação do dia a dia, na forma de fragmentos de memória e de histórias, de referências a histórias, de símbolos cujo sentido só transparece na narrativa" (RÜSEN,2010, p. 160)

D'Saete apresenta como epígrafe no sexto capítulo, uma carta do conselho ultramarino em 1690, sobre a construção do racismo estrutural presente na sociedade colonial que fomentava a economia escravocrata da época em que Palmares era a mais forte resistência ao colonialismo português. A proposta de paz construída por Cucaú, se mostrou insustentável entre palmaristas e portugueses pois a luta pela liberdade englobaria a todos os negros e não somente aos nascidos em Palmares.

"Não convém que se admita a paz com estes negros, pois a experiencia tem mostrado que esta prática é sempre um meio engano e ainda pelo que toca à nossa reputação, por isto que são uns pretos cativos e fugidos..." Conselho Ultramarino ao rei, cerca de 1690 (D'Saete, 2017, p. 188)

Assim a cogitação da paz por parte dos portugueses esbarrava no racismo estrutural que ainda estava se construindo no modelo colonial. Ao recorrer a Frantz Fanon como base teórica para elaborar e conceber o desenvolvimento sobre como a sociedade se construiu como racista pelos moldes coloniais nas mais diferentes nacionalidades. Assim em seu livro,

Peles negras máscaras brancas de 1952 apresenta seu entendimento sobre como o racismo e a desumanização da psique humana estavam inerentes à dominação colonial. Fanon debate então como a tipologia da violência se apresentava de dois modos, a primeira violência vindo do colonizador, onde aniquilaram o corpo, a psique, a cultura e a demarcação do espaço. A contraponto, a violência dos colonizados buscava a recuperação da dignidade, o senso de si e a história por meio da luta anticolonial.

“[...] Defendemos, de uma vez por todas, o seguinte princípio: uma sociedade é racista ou não é. Enquanto não compreendemos essa evidência, deixamos de lado muitos problemas. Dizer, por exemplo, que no norte da França é mais racista do que o sul, que o racismo é obra de subalternos, o que, por conseguinte, não compromete de modo algum a elite, que a França é o país menos racista do mundo, é o feitio de homens incapazes de pensar corretamente.”(Fanon, 2008. p.85)

Ao criticar que toda sociedade é racista, Fanon tenta quebrar com a estrutura racista que molda a sociedade contemporânea, levantando questionamentos sobre como quebrar essa estruturação e como não deixar ela progredir no desenvolvimento do pensamento de “supremacia branca” que o colonialismo tanto difundiu por todo o mundo, apagando as mais diversas culturas que tiveram contato.

Ao demonstrar que o racismo estrutural está presente na sociedade brasileira desde a formação de sua colônia, D’Saete abre a possibilidade de abordar tal tema em sala de aula, algo que está muito caro às aulas de História. Apresentando assim elementos e fontes coloniais, onde a prática do racismo era velada pelo estado, sendo muito mais brutal com os que sofriam com o preconceito da cor. Cabendo assim ao professor a responsabilidade de fazer o paralelo entre os eventos do cotidiano do aluno com episódios onde o racismo estrutural se mostra de modo escrachado, e como a formação antirracista auxilia para quebrar esse ciclo estrutural presente na sociedade contemporânea como apresenta Fanon.

Fanon ao abordar as Histórias em Quadrinhos, por meio do termo dos jornais ilustrados mostra como em seu contexto da década de 1950, os jornais tinham o enfoque para a formação da sociedade branca e a marginalização da população negra, apresenta como

“As histórias de Tarzan, dos exploradores de doze anos, de Mickey e todos os jornais ilustrados tendem a um verdadeiro desafogo da agressividade coletiva. São jornais escritos por brancos destinados a crianças brancas. Ora, o drama está justamente aí. Nas Antilhas - e podemos pensar que a situação é análoga nas outras colônias - os mesmos periódicos ilustrados são devorados pelos jovens nativos. E o Lobo, o Diabo, o Gênio do Mal, o Mal, o Selvagem, são sempre representados por um preto ou um índio, e como sempre há identificação com o vencedor, o menino preto tornou-se explorador, aventureiro, missionário ‘que corre o risco de ser comido pelos pretos malvados’, tão facilmente quanto o menino branco. Algumas pessoas poderão pretender que isso não é muito importante, porque não refletiam sobre o papel dessas revistas ilustradas.” (Fanon, 2008. p.130-131)

Assim a construção das Histórias em Quadrinhos se apresenta para desenvolver tal sociedade que perpetua o racismo estrutural na qual foi concebida. D'Saete se apresenta, juntamente com inúmeros autores não-brancos, nadando contra a corrente ideológica imposta ao quadrinhos, tornando-o essa linguagem como ponto de partida para a conversação e compreensão de eventos historiográficos que moldaram a resistência contra o colonialismo português, lutando contra a estruturação do racismo que está nas entranhas da sociedade.

Angola Janga se torna um exemplo sobre a luta antiescravista e antiracista, onde cria a inversão de valores e de papéis que Fanon aponta, onde a vilanização se elabora sobre os portugueses com o regime escravista e seus ataques contra Palmares, e o leitor se torna o protagonista da luta anticolonial que por consequência ao racismo estruturado que estava se construindo na época.

## 4. CONCLUSÃO

A elaboração desse trabalho aconteceu de modo peculiar para minha pessoa, pois a linguagem dos quadrinhos sempre esteve presente no meu contexto de literatura, mas nunca de forma importante ou que merecesse destaque. Já na primeira leitura de *Angola Janga*, em 2018, de forma despretensiosa chamou a minha atenção, e provocou os estudos históricos do qual não saciei meu intelecto até a finalização deste trabalho.

Trabalho esse que busquei grandes autores que interligassem a preocupação na área da educação, com o ensino de História e ainda a parte da narrativa gráfica, dando luz a um debate que busquei compreender a diferença entre o romance gráfico histórico e a narrativa gráfica histórica. Apresentando um dos possíveis nascimentos dos quadrinhos, fato esse que periodicamente entra em debate por uma nova geração, mas que mantém os traços da arte como delimitadora. Como uma das possíveis contação das histórias em quadrinhos, apresentei a obra, “Reforma da Moral” de Daniel Chodowiecki, do ano de 1787 em Berlim, da qual se construiu uma narrativa oral, com embasamento imagético para o desenvolvimento da narrativa visual-oral, que mais tarde, voltou-se para o público letrado, onde a narrativa se construiu de modo onde a narrativa seria escrita-visual.

Dentro dos gêneros dos quadrinhos, insiro nesses estudos quadrinhos dos gêneros histórico, narrativa histórica gráfica, romance gráfico histórico (as famosas *Graphic Novel*), drama histórico e aventura. Há ainda mais gêneros que fluem das obras, cabe ao leitor adquirir e observar tais características. A formação do autor de *Angola Janga*, Marcelo D’Salete em muito aguçou a perspicácia em apresentar fontes primárias em suas epígrafes, contextualizando o leitor para as informações que viriam a seguir. Onde num estudo aprofundado de algumas dessas fontes se provém em representações gráficas ou imagéticas, interligando as falas concebidas pelo autor.

A pesquisa realizada flui por três principais eixos, que são a Educação, a História e a Arte Sequencial que se apresentam de modo interligado em *Angola Janga* e em outras HQs citadas durante o trabalho. A dinâmica apresentada pela obra traz ao leitor uma experiência histórica próxima à vivenciada pela narrativa, que entrelaça o visual com o verbal absorvendo o leitor para seus quadros, e assim enriquecendo seu desenvolvimento na consciência histórica.

A leitura desse trabalho não supera a leitura na íntegra da obra *Angola Janga*, mas dá algumas pinceladas em elementos historiográficos apresentados por D'Saete que conseguem auxiliar na formação da consciência histórica do leitor. Diversas outras obras abordam conteúdos históricos, cada um tem suas peculiaridades e especificidades, mas que ao dialogar com algumas das fontes aqui apresentadas, junto com as fontes específicas de cada obra, se desenvolve a formação histórica de quem estuda a cerca do tema, como *Maus* (SPIEGELMAN, 2009) para compreensão do Holocausto e *Adeus Chamigo Brasileiro* (TORAL, 1999), para compreender a Guerra do Paraguai.

Palmares foi e é uma dos maiores símbolos de luta do movimento negro brasileiro, pois é nele que se inspiram na representação da luta pela liberdade, na luta contra a escravidão e a luta continua iniciada pelo seus ancestrais. Na personificação de Zumbi, Palmares ganha ainda mais destaque, pois a luta inspirou aqueles que o cercavam e os que vieram depois até a atualidade. Inicialmente, o dia da consciência negra viria a ser 13 de maio, dia da Abolição da escravidão, mas o Movimento Negro Unificado deliberou que o dia 20 de novembro seria de muito mais representação, uma vez que o dia não viria ser de luto pela morte de Zumbi, mas sim de continuar a luta que Zumbi travava contra a sociedade racista. *Angola Janga* se insere então nesse contexto de luta e representação para a população negra, para que a exaltação sobre Palmares permaneça viva na história cultural.

A leitura dos quadrinhos se mostra para muitos como uma leitura relaxante e sem caráter de grande responsabilidade, despertou em mim a curiosidade e questionamento acerca do conhecimento histórico ali transmitido, que mais tarde consegui estruturar e construir ao pouco esse trabalho, na qual me sinto contemplado pela sua formação e conclusão. Ao leitor, não sei se encontrou o que buscava, mas tentei abordar os quadrinhos pelos mais diversos rumos e não somente no histórico.

Espero ter conseguido de algum modo contribuir para a ciência histórica com os estudos aqui abordados e que esse estudo auxilie outros que trabalham nessas áreas.

## 5. BIBLIOGRAFIA

CAMPOS, Rogério de. **Imageria**: O nascimento das histórias em quadrinhos. São Paulo: Veneta, 2015.

CARNEIRO, Edson. **O quilombo dos Palmares**. São Paulo: Ed. Nacional, 1958.

**Catálogo HQ Brasil** . Brasília : Bienal de Quadrinhos de Curitiba, 2019. 152 p.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

CHICO, Márcia Tavares. **Uma proposta de metodologia para a análise de histórias em quadrinhos**. Cadernos UniFOA, Volta Redonda, n. 43, p. 121-131, abril de 2020.

D'SALETE, Marcelo. **Angola Janga**: uma História de Palmares. São Paulo: Veneta, 2017.

ENNES, Ernesto. **Domingos Jorge Velho e a "Tróia Negra", 1637-1700**. São Paulo: Ed. Nacional, 1938.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir Livraria, 1996.

FANON, Frantz, **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

FERREIRA, Ricardo Alexandre; FRANÇA, Jean Marcel Carvalho . **Três vezes Zumbi**: A construção de um herói brasileiro. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

FREITAS, Décio. **Palmares: A guerra dos escravos**. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1982.

FRONZA, Marcelo. O confronto de histórias em quadrinhos sobre a conquista da América como mobilizadoras de geração do sentido histórico nas narrativas gráficas produzidas por jovens estudantes do ensino médio. IN: \_\_\_\_\_ .CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa; ASSUMPÇÃO, Luis Filipi Bantim de; NETO, José Maria Gomes de Souza. **Histórias em Quadrinhos em Perspectivas para o Ensino de História**. São João de Meriti: Desalinho, 2020. p. 137-216.

HOBSBAWN, Eric. História de baixo para cima. IN \_\_\_\_\_. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.185-198.

MOORE, Alan Moore; CAMPBELL, Eddie. **Do Inferno**. São Paulo: Veneta, 2014.

PITTA, Rocha. **História da América Portuguesa**. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1952. v. XXX.

RAMOS, Paulo. **É possível ensinar oralidade usando Histórias em Quadrinhos?** Revista Intercâmbio, Vol. XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP 2006.

RAMOS, Paulo. **História em quadrinhos: gênero ou hipergênero?** UMESP. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, São Paulo, 38 (3): 355-367, set.-dez. 2009.

RAMOS, Paulo. **A leitura de quadrinhos**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2020.

RUFINO, Joel. **Zumbi**. São Paulo: Editora Moderna, 1985.

RÜSEN, Jörn. **História Viva**. Brasília: UnB, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica**. Brasília: UnB, 2001.

SPIEGELMAN, Art. **Maus**. Companhia das letras, 2009.

PIFANO, Raquel Quinet. **História da arte como história das imagens: a iconologia de Erwin Panofsky**. FÊNIX: Revista de História e Estudos Culturais, Vol. 7, ano VII, nº3. São Paulo, Dezembro de 2010.

TORAL, André, **Adeus chamigo brasileiro**. São Paulo:Companhia das Letras, 1999

THOMÉ, Luciano. Os quadrinhos históricos em Perspectivas. IN:\_\_\_\_\_. VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobu. **Enquadrando o real**. São Paulo: Criativo, 2016. p. 150-169.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Pesquisa acadêmica em quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2017.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. IN:\_\_\_\_\_. RAMA, Angela; BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 31-64.

VERGUEIRO, Waldomiro; OLIVEIRA, Maria Jaciara de Azevedo. Os Quadrinhos e o Ensino de História: o conhecimento pela via da sensibilidade. IN:\_\_\_\_\_CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa; ASSUMPÇÃO, Luis Filipi Bantim de; NETO, José Maria Gomes de Souza. **Histórias em Quadrinhos em Perspectivas para o Ensino de História**. São João de Meriti: Desalinho, 2020. p. 25-46.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. **Quadrinhos na educação**: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2019

VILELA, Túlio. Os quadrinhos na aula de História. IN:\_\_\_\_\_. RAMA, Angela; BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 105-130.

## 6. TABELAS

Tabela 1- Elementos Estruturais

Balão	De fala De narrativa (narrador-personagem) De espaço e tempo
Simbologia	Da utilização de símbolos Sona Da adaga Da estatueta Chinbinda Ilunga
Outros elementos linguísticos	Título Epígrafe Tipografia do texto Onomatopeia Bold (Negrito)
Diagramação dos quadros	Narrativa entre quadros Narrativa entre páginas Narrativa de sonhos (Ambientações leves) Bordas finas (Remetendo ao presente) Bordas grossas (Remetendo ao passado) Sentido de leitura
Cores	Monocromáticas de cor preta
Enquadramentos	Plano aberto Plano de passagem Plano de sequência Primeiro plano Close
Ângulos	Superior

Médio

Inferior

---

Personagens	Linguagens da época Vestimentas Expressões faciais Expressões corporais Cicatrizes
Técnicas de desenho	Hachura Luz e sombra Sombreamento

---

Fonte: Baseada na tabela de análise estrutural de Marcia Tavares Chico

# 7. ANEXOS

Anexo 1 páginas 193 a 197











APESAR DE TUDO,  
UM GRUPO FUGIU/  
CHEIOS DE GANA...

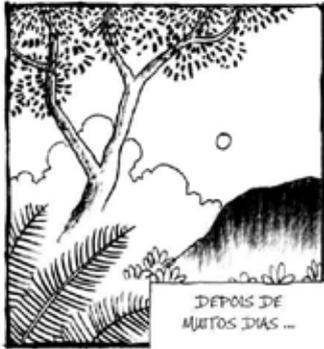


ELES CAMINHARAM  
MUITAS NOITES  
PELO CAFUDDO...



ALGUNS SONHavam  
AINDA EM VOLTAR PRA  
TERRA ALÉM DO CALUN-  
GA, EM MATAMBA...

OUTROS SABIAM  
SER IMPOSSIVEL.



DEPOIS DE  
MUITOS DIAS ...



CHEGARAM NUMA  
TERRA PROTEGIDA,  
VISTOSA E FÉRTIL...



MATA REPLETA DE  
PALMEIRAS PRA  
CONSTRUIR MOCAMBOS.  
TERÁ ONDE ...



SEMPRE DE  
MASSANGO, QUANDO É  
MUITO MAIS ...



PODEM BROTAR  
E FLORECEM ...





